



1290001154



FE

TCC/UNICAMP B471m

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

DANIELE DE SOUZA RUIZ BICALHO

**MENINAS E MENINOS:UM ESTUDO DE GÊNERO EM LIVROS
DIDÁTICOS DAS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

CAMPINAS, SP

2003

UNICAMP - FE - BIBLIOTECA

2003/05/07/10

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

DANIELE DE SOUZA RUIZ BICALHO

**MENINAS E MENINOS: UM ESTUDO DE GÊNERO EM LIVROS
DIDÁTICOS DAS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Trabalho de conclusão de curso (TCC), apresentado
como exigência parcial para o curso de Pedagogia da
Faculdade de Educação da UNICAMP, sob a orientação
do Prof^o Dr. Ulisses Ferreira de Araújo.

CAMPINAS, SP

2003

UNIDADE.....	FE
Nº CHAMADA:	TC/Unicamp
B471m	
V:.....EX:.....	
TOMBO:.....	1154
PROC:.....	117104
C:.....D:.....	X
PREÇO:.....	11,00
DATA:.....	17/02/04
Nº CPD:.....	Arb. 310274

**Catálogo na Publicação elaborada pela biblioteca
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

Bibliotecário: Gildeir Carolino Santos - CRB-8ª/5447

B471m	Bicalho, Daniele de Souza Ruiz. Meninas e meninos: um estudo de gênero em livros didáticos das séries iniciais do ensino fundamental / Daniele de Souza Ruiz Bicalho. -- Campinas, SP: [s.n.], 2003. Orientador : Ulisses Ferreira de Araújo. Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação. 1. Programa Nacional do livro Didático (Brasil). 2. Gênero. 3. Livros Didáticos. I. Araújo, Ulisses Ferreira de. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.
-------	--

03-0228-BFE

FOLHA DE APROVAÇÃO

Prof.º Dr. Ulisses Ferreira de Araújo

Profª Dra. Ângela Fátima Soligo

Campinas, dezembro de 2003

Dedico este trabalho a minha querida tia Regina, que muito me incentivou a cursar esta faculdade e que aonde quer que esteja, estará feliz com a realização do meu sonho de me tornar pedagoga.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, fonte inesgotável de amor e de vida.

Agradeço imensamente aos meus pais, Jovair e Cléa, origem de tudo o que há de melhor em mim. A eles os meus sinceros e eternos agradecimentos pelo incentivo e apoio incondicional em todos os momentos da minha vida.

A minha irmã Mariana, que desde o seu nascimento vem me ensinando a cada dia o verdadeiro significado do amor fraterno.

Ao Marcelo, amor da minha vida, os meus infinitos agradecimentos pelo marido dedicado e companheiro inseparável que tem sido desde sempre.

Aos meus avós paternos João e Anna e aos meus avós maternos José Pedro e Maria, que também acreditaram na realização deste sonho.

A amiga Josi, e a turma do curso noturno de Pedagogia do ano de 1999, pela rica troca de experiências nestes anos de faculdade que deixarão saudades.

As amigas Tais e Naomi que sempre estiveram me apoiando e torcendo por mim.

Ao professor Ulisses que com muita dedicação, paciência e competência orientou este trabalho e a professora Ângela, segunda leitora.

Aos meus familiares, amigas e amigos que fazem parte da minha história e a todos aqueles que de alguma maneira colaboraram para que a realização deste trabalho fosse possível.

Mulher...

*É... somos mesmo, tu e eu
Como a maçã e a uva;
Tão diferentes na aparência,
Tão semelhantes na essência,
Assim como sol e chuva
Entre si tão dependentes,
Cada qual tão importante
Como o próprio infinito.
E, se eu busco teu gemido,
É pra sufocar meu próprio grito,
Prazer e dor em um só instante,
Como achar nas areias quentes
Um caudal cheio no deserto...
É o longe cada vez mais perto;
Alternativa de morte e vida.
Esse momento é rico de glória,
De uma batalha já vencida
Desde o primórdio da História...
Nada nunca foi igual!
Se me busca como te busco,
Jamais haverá caso de acaso,
Porque de certo não é acaso,
Esse fogo que ruge agora,
Pois da noite é que surge a aurora,
E certamente foi de manhã
Que Eva se fez presente,
E soube ser tão convincente
Que Adão mordeu a maçã.*

José Carlos Rodrigues

RESUMO

O presente trabalho trata do possível preconceito de gênero existente nos livros didáticos das séries iniciais do ensino fundamental, tendo especial atenção ao preconceito relacionado ao sexo feminino.

Discutir a questão da discriminação do sexo feminino na escola e de sua presença nos livros didáticos é importante, pois, o privilégio do sexo masculino no meio educacional acentua a discriminação das mulheres na escola, e conseqüentemente, na sociedade em geral.

Assim, o trabalho vem promover uma análise de gênero em livros didáticos brasileiros, observando tal característica em relação a: ilustrações; linguagem e conteúdos de natureza social.

O texto é dividido em cinco capítulos: Temas de gênero; Gênero e educação; Justificativa e objetivos; Metodologia; Apresentação de resultados e análise dos dados.

Através destes capítulos, procura-se realizar uma breve análise das mudanças e melhorias referentes a gênero ocorridas nos livros didáticos desde a instituição, em 1996, do processo avaliativo PNLD (Programa Nacional do Livro Didático).

Foram analisados, portanto, livros de Estudos Sociais, anteriores ao PNLD e de História e Geografia, posteriores ao PNLD.

ABSTRACT

The present dissertation deals with the possible preconception gender that exists in didactic books of the initial series of the fundamental teaching, having special attention to the preconception related to the feminine sex.

To argue the question about discrimination against women and girls in the school and about its presence in didactic books is important, therefore, the privilege of the masculine sex in the educational atmosphere accents the discrimination against the women in the school, and consequently, in the society.

This dissertation aims to promote an analysis of Brazilian didactic books, observing the following characteristics: illustrations, language and social aspect contents.

The text is divided in five chapters: Gender Themes; Gender and Education; Justification and Objectives; Methodology; Presentation of Results and Data Analysis.

These chapters contain a brief analysis of changes and improvement regarding didactic books since the institution of an evaluation process, the PNLD (National Program of Didactic Book), in 1996.

Therefore, this research is based on Social Studies books previous to the PNLD and History and Geography books posterior to the PNLD.

SUMÁRIO

1- Temas de Gênero.....	01
2 - Gênero e Educação.....	05
3 - Justificativa e Objetivos.....	10
3.1 Delimitação da pesquisa.....	14
4 - Metodologia.....	16
4.1 Livros anteriores ao PNLD que foram analisados.....	16
4.2 Livros posteriores ao PNLD que foram analisados.....	16
5 - Apresentação de resultados e Análise dos dados.....	18
5.1 Análise quantitativa das ilustrações.....	18
• 5.1.2 Livros anteriores ao PNLD.....	18
• 5.1.3 Livros posteriores ao PNLD.....	19
5.2 Análise da linguagem textual – O uso da linguagem sexista nos livros didáticos.....	20
• 5.2.1 Livros anteriores ao PNLD.....	20
• 5.2.2 Livros posteriores ao PNLD.....	21
• 5.2.3 Análise inicial.....	22
5.3 Análise da linguagem textual – Das características sexistas observadas no uso da linguagem nos livros didáticos.....	25
• 5.3.1 Livros anteriores ao PNLD.....	25
• 5.3.2 Livros posteriores ao PNLD.....	33

• 5.3.3 Análise inicial.....	37
5.4 A representação da mulher nas famílias apresentadas nos livros didáticos.....	38
• 5.4.1 Livros anteriores ao PNLD.....	38
• 5.4.2 Livros posteriores ao PNLD.....	43
• 5.4.3 Análise inicial.....	45
5.5 Trabalho de homem x Função de mulher – Análise das profissões representadas por homens e mulheres nos livros didáticos.....	46
• 5.5.1 Livros anteriores ao PNLD.....	46
• 5.5.2 Livros posteriores ao PNLD.....	64
• 5.5.3 Análise inicial.....	70
5.6 Ilustrações: E as meninas? – Análise da presença feminina nos livros didáticos.....	73
• 5.6.1 livros anteriores ao PNLD.....	73
• 5.6.2 Livros posteriores ao PNLD.....	84
• 5.6.3 Análise inicial.....	86
• 5.7 Coisa de menina, coisa de menino – Análise das características atribuídas a meninas e meninos nos livros didáticos.....	88
• 5.7.1 Livros anteriores ao PNLD.....	88
• 5.7.2 Livros posteriores ao PNLD	93
• 5.7.3 Análise inicial.....	95
5.8 Brincadeira de menina, brincadeira de menino – Análise das brincadeiras representadas por meninas e meninos nos livros didáticos.....	99
• 5.8.1 Livros anteriores ao PNLD.....	99
• 5.8.2 Livros posteriores ao PNLD.....	101

• 5.8.3 Análise inicial.....	104
Considerações Finais.....	106
Bibliografia.....	111
Índice dos livros didáticos analisados.....	112

1 - TEMAS DE GÊNERO

De acordo com o dicionário Aurélio Buarque de Holanda (2001), tem-se os seguintes significados para a palavra gênero:

“Gênero: 1. Agrupamento de indivíduos, objetos, etc, que tenham características comuns. 2. Classe, ordem, qualidade. 3. Modo, estilo. 4. Antrop. A forma como se manifesta, social e culturalmente, a identidade sexual dos indivíduos. 5. Biol. Reunião de espécies. 6. Gram. Categoria que classifica os nomes em masculino, feminino e neutro.”

Como se pode observar, de acordo com o dicionário Aurélio, um dos significados da palavra gênero é categoria que classifica os nomes em masculino, feminino e neutro. Desse modo, entende-se por gênero neutro, tudo o que não pode ser classificado nem como feminino, nem como masculino. Assim, em se tratando dos gêneros feminino e masculino, bem como da diferença entre eles, deve-se levar em conta o fato de que de acordo com vários autores, autoras, estudiosos e estudiosas do tema, como Marília P. de Carvalho, Montserrat Moreno e Fúlvia Rosemberg, o gênero masculino é de uma maneira geral privilegiado em relação ao feminino, o que pode levar à discriminação das mulheres na sociedade, no trabalho e na educação, assunto que após o movimento feminista, iniciado na década de 60, vem sendo ainda mais discutido.

Marília Pinto de Carvalho em seu livro “No coração da sala de aula” parte dos estudos de gênero – categoria relacional que compreende a atribuição de significados histórico culturais a partir das diferenças entre os sexos – para desenvolver um diálogo crítico com o denominado “feminismo da diferença” no sentido de constituir um quadro teórico central que permitisse compreender o fazer diário das professoras e a questão do “cuidado” (do inglês *caring*).¹

¹ Informações com base na apresentação do livro “No coração da sala de aula”, de Marília P. de Carvalho, escrita por Marília Pontes Sposito, em Agosto de 1999.

Desse modo, tomo como referência os estudos de Carvalho sobre a questão do chamado “feminismo da diferença”, como base para desenvolver, neste primeiro capítulo de minha pesquisa, uma breve discussão a respeito do tema gênero.

No início de seu livro, Carvalho destaca alguns movimentos feministas, cujas autoras tiveram grande difusão nos Estados Unidos e de onde vieram marcantes influências para os estudos sobre gênero no Brasil. Destes movimentos, a autora discute principalmente as obras associadas ao “feminismo da diferença” norte americano, onde destacam-se autoras como Carol Gilligan(s.d.), Nel Noddings (1984), Nancy Chodrow (1978), citadas em seu livro.

Das leituras analisadas pela autora, é importante destacar Chodrow (1978) e a questão da maternação, que envolve as relações de cuidado da mãe com o filho após o seu nascimento. Maternação seria a tradução brasileira da palavra *mothering*, embora o termo mais difundido entre as/os feministas brasileiras/os

seja maternagem. Segundo Chodrow, as mulheres maternam e a maternação consiste em um dos poucos elementos universais e duráveis da divisão do trabalho por sexos, pois as mulheres maternam e os homens não. Segundo Chodrow, isto acontece devido ao fato de ambos terem sido maternados por mulheres e não por homens.

Ainda sobre a maternação, Carvalho cita a teoria psicanalítica de Chodrow sobre o desenvolvimento da personalidade masculina e feminina para demonstrar que a maternação nas mulheres se reproduz ciclicamente.

“Seria o próprio relacionamento mãe-filha, mãe-filho, baseado na exclusividade dos laços primários da mãe com as crianças que engendraria as diferenças de personalidade e a maternação ou não dos futuros homem e mulher.”(p.21)

É importante observar as relações sociais de gênero em Chodrow (1990) pois, segundo Carvalho, esta autora refere-se à “organização social de gênero”, em que a questão da maternação está relacionada às esferas pública e privada, sendo que a origem da subordinação das mulheres estaria no fato do poder estar concentrado na esfera pública, uma vez que pela “organização social de gênero”, a posição principal das mulheres estaria

na esfera privada, que por sua vez está relacionada à família e ao ambiente doméstico, enquanto que a posição principal do homem estaria na esfera pública, que está relacionada às atividades, instituições e relações sociais, garantindo assim, sua dominação cultural e política sobre as mulheres .

Sobre estas duas polaridades (esfera privada e pública), Carvalho destaca uma passagem em Chodrow (1990, p. 25), que considero importante reproduzir, uma vez que relaciona a questão da maternação com a diferença estrutural entre as esferas privada e pública, onde o poder concentra-se na esfera pública.

Assim, conforme Carvalho cita em seu livro:

“Desse modo, podemos definir e articular certas amplas e universais assimetrias dos sexos na organização social do gênero, em decorrência da maternação das mulheres. A maternação das mulheres determina a posição principal das mulheres na esfera doméstica e pública. Mas essas esferas operam hierarquicamente. (...) Cultural e politicamente a esfera pública domina a doméstica e, portanto, os homens, dominam as mulheres.” (Chodrow, 1990, grifos de Carvalho, 1999, p. 25)

Um outro aspecto que também deve ser observado nas discussões de gênero é a relação entre os conceitos de sexo e gênero.

Sobre este debate, Carvalho explica que de acordo com o pensamento feminista das décadas de 70 e 80, o termo gênero (*gender*), associa-se ao comportamento e aos traços de caráter, enquanto sexo, descreve corpo e biologia.

Para Joan Scott (1994), outra autora citada na obra de Carvalho, gênero é a organização social da diferença sexual percebida, o saber que estabelece significados para as diferenças corporais. Segundo Carvalho:

“É o gênero – a construção social de significados a partir da diferença sexual percebida – que fundamenta toda percepção do corpo e dos processos corporais, o significado a ele atribuído na determinação do caráter dos

indivíduos e sua relação com os conceitos de masculinidade e feminilidade”
(Carvalho, 1999, p.32)

Na obra de Carvalho, encontra-se ainda uma outra concepção para a palavra gênero, baseada em autoras ligadas ao pós-estruturalismo, onde gênero é “uma categoria teórica referida a um conjunto de significados e símbolos construídos sobre a base da percepção da diferença sexual e que são utilizados na compreensão de todo o universo observado, incluindo as relações sociais entre homens e mulheres.”(pág.34)

De acordo com Carvalho, um inconveniente da corrente do “feminismo da diferença” como teoria explicativa consiste na redução das mulheres a sua condição de gênero, que pode nos levar a desconhecer todas as demais determinações sociais, como classe, raça, idade ou geração.

Dessa forma, Carvalho explica que as categorias de análise sugeridas pelo “feminismo da diferença” devem ser combinadas com outras categorias e contextualizadas em termos históricos, para que possam ter valor explicativo.

O “feminismo da diferença” foi importante, segundo a autora, por “descrever com acuidade o padrão ainda predominante nas prescrições quanto às identidades de gênero dos adultos em nossas sociedades ocidentais.”(pág.38)

Além da abordagem geral das relações de gênero desenvolvida neste primeiro capítulo (através das contribuições de Marília P. de Carvalho), as relações de gênero no campo da educação são particularmente importantes e pertinentes para o desenvolvimento de minha pesquisa. Assim, gênero e educação será o assunto do próximo capítulo.

2 - GÊNERO E EDUCAÇÃO

No livro “Como se ensina a ser menina” (1999), a autora Montserrat Moreno, faz uma análise sobre a presença do sexismo² na escola e, por consequência, no ensino, bem como fala da crença nas possibilidades de superação deste quadro.

Assim, Moreno inicia seu livro fazendo uma importante colocação sobre a nossa visão de mundo:

“Nossa visão de mundo é, pois, parcial e limitada por nós mesmos, por nossos conhecimentos e por nossos dogmas. Agimos e movemo-nos não de acordo com a realidade, mas de acordo com nossa imagem de mundo. Cada pessoa não constrói esta imagem por si mesma, a partir da observação de alguns fatos concretos e reais, e sim, na maioria dos casos, a partir dos julgamentos que os demais emitem sobre a realidade.” (p.13)

A autora explica que nós não organizamos o mundo de acordo com o nosso pensamento, mas com o pensamento daqueles que nos precederam. Segundo ela, a partir do momento em que nascemos, começamos a receber uma influência social que irá condicionar nossa maneira de ver e estar no mundo, e que através da linguagem, aprendemos a primeira forma de dividir o mundo em categorias.

Segundo Moreno:

“O bebê aprende com as primeiras palavras que existe uma “mamãe” e um “papai”, logo aprenderá que existem “meninas” e “meninos”, e esta dicotomia o terá diferenciado muito antes que ele saiba que existe a palavra “pessoa”, que pode aplicar-se igualmente a todas elas. Existem muitas formas de diferenciar as pessoas, mas nosso idioma priorizou a característica sexo para subdividi-las, dando-lhes um nome específico.” (Moreno, 1999, p. 14)

² Forma de discriminação baseada no sexo, onde favorece-se um sexo em detrimento do outro.

Assim, as meninas e os meninos de cada comunidade lingüística aprendem as palavras e a idéia (realidade) que há por trás delas, atribuída por outros. Desse modo, conforme avança o seu desenvolvimento intelectual, o significados das palavras tornam-se mais precisos, juntamente com sua participação na forma de conceber o mundo de sua comunidade.

Desse modo, uma mãe não só ensina a sua filha a falar, como também transmite consciente ou inconscientemente um sistema para interpretar o mundo, a partir do qual ela vê que algumas coisas são iguais por terem o mesmo nome e outras são diferentes por terem nomes diferentes.

Assim, segundo as palavras da autora:

“A menina, como faz parte do mundo, também está incluída em uma categoria, é uma menina. Com o tempo, ela vai aprender o que isto significa.” (p.16)

Moreno explica que ao ingressarem na escola, meninas e meninos já conhecem a sua identidade sexual e o papel que lhes cabe, porém podem não ter muito claro o significado deste conceito. A escola, na intenção de esclarecer os conceitos do significado de ser menina e ser menino, o fará muitas vezes de maneira falsa e dissimulada, transmitindo mensagens das quais meninas e meninos não têm consciência e que serão eficazes pois não precisarão ser pensadas, nem justificadas.

A escola, possuindo a dupla função de formar intelectual e socialmente os indivíduos, poderia, segundo Moreno, ensinar a questionar, buscar novos caminhos e novas formas de interpretar e organizar o mundo. Porém, o que a escola faz muitas vezes é transmitir sistemas de pensamentos e atitudes sexistas, que marginalizam e inferiorizam a mulher.

Fúlvia Rosemberg, psicóloga e pesquisadora da Fundação Carlos Chagas, autora entre outros do livro “A educação da mulher no Brasil” (Global editora), nos diz o seguinte:

“A escola reproduz a discriminação sexual existente na sociedade. E vai além. Ela cria a sua própria maneira de reforçar os papéis tradicionais que são atribuídos a homens e mulheres.”

“O caráter repressivo da escola fortalece os componentes da passividade, que as meninas aprendem em todas as situações sociais.”

Prosseguindo com suas análises no livro “Como se ensina a ser menina”, Moreno analisa a forma como a escola transmite os sistemas de pensamento e as atitudes sexistas que inferiorizam as mulheres através da formação intelectual, científica e social.

Segundo a autora, a escola tem por missão aproximar alunas e alunos do conhecimento científico visando o desenvolvimento de sua inteligência, porém, a escola costuma cumprir esta missão com rigidez, apoiando-se, portanto, em uma série de concepções errôneas sobre o que é ciência e o que é inteligência.

É importante perceber que é a mutabilidade, a busca por novas formas de interpretar os fatos, de mudar a idéia que se tem de “realidade”, que caracteriza o pensamento científico, de acordo com Moreno. Portanto, é importante abolir a convicção de que os fatos “cientificamente provados” não podem ser falsos. Segundo a autora, a ciência comete erros e o erro é consubstancial a toda construção intelectual.

Mas no que a ciência se relaciona com a discriminação do sexo feminino?

Moreno nos esclarece que a discriminação da mulher tem encontrado apoio em tais concepções científicas.

Em um dos pontos mais importantes de sua obra, Moreno nos diz que:

“Todo pretense fundamento científico em nome do qual se discrimina a mulher deve ser energeticamente rechaçado e criticado pela escola, para que esta não se converta em cúmplice da manipulação ideológica da ciência e para que se rompa, assim, a cadeia de transmissão do androcentrismo.” (p.22)

O androcentrismo consiste em considerar o ser humano do sexo masculino como o centro do universo como o único capaz de ditar as leis, impor a justiça e governar o mundo; não é correto pensar que apenas os homens possuem uma visão androcêntrica do mundo, uma vez que as próprias mulheres, ainda que inconscientemente também compartilham desta visão e às vezes não apenas compartilham, como também a transmitem.

Muitas vezes as mulheres transmitem o pensamento androcêntrico através da própria educação, uma vez que o papel das mulheres na educação é fundamentalmente importante.

Fina Birulés, tradutora da filósofa Hannah Arendt, na Espanha, coordenadora do seminário de estudos de filosofia e gênero e professora de filosofia contemporânea na Universidade de Barcelona, nos diz o seguinte³:

“No fundo, o objetivo da educação é transmitir um mundo. Quando educamos as novas gerações, transformamos as crianças em herdeiras de um mundo e do que queremos conservar dele. Infelizmente, a educação tem transmitido um mundo com seus preconceitos e seus esquecimentos. O preço da educação para todas as meninas é esta inclusão num suposto neutro que no fundo é masculino.”

De acordo com Moreno, o fato das mulheres exercerem um papel extraordinariamente importante na educação deveria ser utilizado não para transmitir as idéias do pensamento androcêntrico, mas sim para combatê-las. Para tanto, faz-se necessário enxergar a realidade de uma outra maneira, ou seja, do ponto de vista da mulher. Desse modo, a educação pode ser uma das melhores formas de combate às idéias do androcentrismo.

Os modelos de comportamento e de conduta, também contribuem para reforçar os mecanismos de transmissão da discriminação do sexo feminino.

Conforme Moreno explica em seu livro, “os modelos de conduta são as diretrizes que guiam o comportamento dos indivíduos, bem como suas atitudes e maneira de julgar os acontecimentos que os rodeiam. Cada sociedade constitui, elege e transmite seus modelos de conduta, que são diferentes para os sexos, existindo uns para o sexo feminino e outros para o sexo masculino.” (pág.29)

Atuando como organizadores inconscientes da ação, os modelos de conduta dificilmente podem ser modificados.

³ Esta fala foi retirada de uma entrevista concedida por Fina Birulés à revista eletrônica Crearmundos.(2001)

Quando meninas e meninos chegam à escola, eles (as) já têm interiorizada a maioria dos modelos de conduta discriminatórios e uma vez que estes modelos de conduta discriminatórios são aceitos naturalmente no ambiente escolar, as meninas crescem sem se perguntarem se estão ou não incluídas em um mundo dirigido ao e pelo masculino.

Ou, embora algumas vezes percebam-se incluídas de maneira diminuída, não questionam.

Moreno ainda explica que embora a escola não seja a única responsável pela transmissão de modelos segregacionistas, ela tem um papel importante nesta transmissão, devido aos conteúdos do ensino estarem impregnados de preconceitos e ideologias.

É importante perceber a influência que os conteúdos do ensino podem ter na discriminação do sexo feminino, pois segundo Moreno:

“A imagem da mulher e do homem que se passa aos alunos por meio dos conteúdos do ensino contribui intensamente para formar seu eu social, seus padrões diferenciais de comportamento, o modelo com o qual devem identificar-se para ser “mais mulher” ou “mais homem” e, informá-los, por sua vez, da diferente valoração que nossa sociedade atribui aos indivíduos de cada sexo.” (pág.36)

Desse modo, pode-se perceber que os conteúdos de ensino podem ter uma importância significativa na transmissão de preconceitos ideológicos.

3 - JUSTIFICATIVA E OBJETIVOS

O tema de investigação desta pesquisa baseia-se no possível preconceito de gênero existente nos livros didáticos das séries iniciais do ensino fundamental, tendo especial atenção ao preconceito relacionado ao sexo feminino.

O interesse pela investigação do tema partiu de reflexões acerca da obra “Como se ensina a ser menina”, de Montserrat Moreno, publicado em 1999. Neste livro, a autora analisa a presença do sexismo na escola, propondo-se a crítica e a negação de qualquer fundamento científico através do qual se possa discriminar a mulher. O contato com a obra ocorreu durante as aulas da disciplina Psicologia Educacional, ministradas pelo Prof^o Dr. Ulisses F. Araújo, que recomendou a leitura deste livro aos interessados nas questões de Gênero e Educação. Tendo em vista que os livros didáticos consistem em um dos principais meios de se propagar o sexismo nas escolas, o problema a ser investigado parte da importância de se refletir sobre a questão do sexismo nos livros didáticos utilizados na escola, uma vez que são materiais importantes para o auxílio da atividade docente, já que são um dos principais referenciais no estabelecimento do roteiro de trabalho do professor para o ano letivo. Desse modo, estando permeados por conteúdos sexistas, acabam por reproduzir estereótipos sociais de uma sociedade machista, promovendo a discriminação do sexo feminino.

Assim, discutir a questão do sexismo na escola e de sua presença nos livros didáticos é importante pois o privilégio do universo masculino no meio educacional acentua a discriminação das mulheres na escola, e conseqüentemente, na sociedade em geral.

O mundo mudou muito ao longo dos anos, a ciência e a tecnologia evoluíram, assim como outros campos do conhecimento. A sociedade também vem sofrendo transformações constantes bem como o universo feminino inserido nesta sociedade.

A década de 80 foi marcada por uma série de conquistas das mulheres, sobretudo no mercado de trabalho, o que contribuiu para gerar as mudanças no perfil da sociedade e da população brasileira atual.

De acordo com dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) do ano de 2000, a população brasileira hoje é constituída por 48,78% de homens e 50,78% de mulheres, sendo que 24,9% dos responsáveis por domicílios no Brasil são mulheres.

A proporção de crianças de 0 a 6 anos de idade em domicílios cujas responsáveis são mulheres com rendimento de até 2 salários mínimos nas grandes cidades brasileiras é de 56,9% , ou seja, é maior que a dos homens.

O percentual de mulheres alfabetizadas nos domicílios brasileiros, é de 87,5%, enquanto o dos homens é um pouco inferior, 86,8%.

Apesar de todas as conquistas alcançadas pelas mulheres, a discriminação contra o sexo feminino ainda continua bastante acentuada, mas vem diminuindo notavelmente.

Tendo em vista que a discriminação contra o sexo feminino ao longo dos anos, embora esteja longe de acabar, vem diminuindo e levando-se em conta também que os livros didáticos são um meio bastante comum de discriminação do sexismo, coloco a seguinte questão: será que a discriminação contra o sexo feminino também vem diminuindo ao longo dos anos nos livros didáticos publicados no Brasil?

Desta questão partem os objetivos desta pesquisa, que consistem em promover uma análise de gênero em livros didáticos brasileiros das matérias de história e geografia, das séries iniciais do ensino fundamental, observando tal característica em relação às ilustrações, linguagem e conteúdos de natureza social.

Considerando que o objetivo principal desta pesquisa consiste em verificar as mudanças e avanços que possivelmente tenham ocorrido nos livros didáticos ao longo dos anos com relação à discriminação do gênero feminino, é importante que as análises da discriminação do gênero feminino nos livros didáticos levem em consideração as mudanças e melhorias ocorridas nestes materiais ao longo dos anos.

Há alguns anos, o MEC (Ministério da Educação), promoveu uma importante mudança no sistema de ensino, relacionada aos livros didáticos, visando melhorar a qualidade destes. Esta mudança foi fundamental para a elaboração desta pesquisa. Trata-se da implementação do PNLD, ou Programa Nacional do Livro Didático que consiste em um método de avaliação do livro didático. É um programa que através de critérios de avaliação faz a indicação oficial dos livros didáticos para a rede pública de ensino fundamental no Brasil, além de ser responsável pela distribuição dos livros que são escolhidos pelos professores e professoras, mediante a realidade de cada escola.

O objetivo principal do PNLD é garantir a qualidade dos materiais, e para isso, são analisadas e avaliadas as coleções produzidas pelas editoras antes de comprá-las e distribuí-las nas escolas.

Desde 1995, o Ministério da Educação vem desenvolvendo ações visando a melhoria da qualidade dos livros didáticos utilizado nas escolas da rede pública de todo o país.

Em 1996, o trabalho de avaliação pedagógica passou a ser coordenado pela Secretaria de Educação Fundamental (SEF). A cada ano, a avaliação passa por um processo de aperfeiçoamento em resposta às demandas da evolução educacional. Neste trabalho também estão envolvidos técnicos do Fundo Nacional para o Desenvolvimento da Educação – FNDE e de Universidades.

O primeiro PNLD foi implantado no ano de 1997, no qual foram avaliadas 466 obras das disciplinas de Língua Portuguesa, Ciências, Estudos Sociais e Matemática.

Após essa primeira versão “oficial”, foi publicado o primeiro Guia de Livros Didáticos de 1ª a 4ª séries, distribuído às escolas para servir como instrumento auxiliar na escolha do livro pelo professor, procedimento ainda ocorre da mesma maneira atualmente.

De acordo com informações sobre avaliação de livros didáticos publicadas no site oficial do MEC, na segunda avaliação de livros didáticos, o PNLD 98, foi possível detectar uma melhoria considerável nos livros inscritos. Tal fato acabou refletindo no resultado final, que comparativamente ao ano anterior, apresentou um número bem menor de livros excluídos.

Houve então, o aperfeiçoamento do processo de avaliação, por meio da revisão dos critérios até então utilizados como parâmetro para a avaliação e classificação dos livros didáticos.

Os novos princípios e critérios foram definidos com base tanto na experiência acumulada na avaliação dos livros didáticos inscritos quanto na consideração dos objetivos e particularidades do segundo ciclo do ensino fundamental.

Todos os princípios e critérios definidos relacionam-se com as seguintes observações principais:

- Ausência de erros de impressão e de revisão;

- Ausência de erros e de preconceitos;
- Qualidade e atualidade da proposta pedagógica;
- Qualidade do manual do professor;
- Contribuição para a construção da cidadania.

Após a avaliação das coleções segundo estes critérios, os livros didáticos foram classificados nas seguintes categorias:

RD – Recomendadas com Distinção (três estrelas):

São obras com qualidades inequívocas e bastante próximas do ideal representado pelos princípios e critérios definidos. Constituem propostas pedagógicas elogiáveis, criativas e instigantes.

REC – Recomendadas (duas estrelas):

São aquelas obras que cumprem plenamente todos os requisitos de qualidade exigidos neste processo de avaliação. Por isso mesmo, asseguram a possibilidade de um trabalho didático correto e eficaz pelo professor.

RR – Recomendadas com Ressalvas (uma estrela):

Nesta categoria estão reunidas as obras isentas de erros conceituais ou preconceitos, que obedecem aos critérios mínimos de qualidade, mas que contêm algumas limitações. Desse modo, são obras que podem subsidiar um trabalho adequado, desde que o professor esteja atento às observações, consulte bibliografias para revisão e complementem a proposta pedagógica.

Além destas três categorias, as coleções de livros que não atendem aos critérios estabelecidos, também podem ser excluídas, ou seja, as escolas não podem escolhê-las para utilização em sala de aula.

Desse modo, verificando-se que o principal objetivo do PNLD consiste na melhoria da qualidade dos materiais didáticos e considerando que um dos critérios de avaliação dos livros estabelecidos pelo PNLD determina que a obra didática não pode

veicular preconceitos de origem, cor, condição econômica, etnia, gênero, linguagem e qualquer outra forma de discriminação, estabeleceu-se a implantação do primeiro PNLD, em 1997 como marco principal na separação entre livros didáticos antigos, que serão chamados de anteriores ao PNLD e livros didáticos atuais, que serão chamados de posteriores ao PNLD, possibilitando desta forma, analisar as mudanças ocorridas nos livros didáticos ao longo dos anos, tendo como principal ponto de vista a discriminação contra o sexo feminino.

3.1 DELIMITAÇÃO DA PESQUISA

Nesta pesquisa, foram analisados livros didáticos das séries iniciais do ensino fundamental, nas quais a disciplina de Estudos Sociais é substituída por História e Geografia, duas disciplinas distintas, porém complementares.

Esta mudança ocorreu no ano de 1996, com a implantação da Nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – Lei 9394/96.

Assim, devido ao fato desta lei ter sido implantada em 1996 paralelamente ao PNLD (implantado no ano de 1997), os anteriores ao PNLD analisados nesta pesquisa serão de Estudos Sociais e os livros didáticos posteriores ao PNLD serão de História e Geografia.

Também é importante esclarecer que após a implantação da nova LDB, os conteúdos que faziam parte da disciplina de Estudos Sociais foram enquadrados ora no currículo de História, ora no currículo de Geografia, ou foram simplesmente suprimidos.

Por isso, alguns conteúdos abordados nas análises dos livros anteriores ao PNLD podem não ser abordados nas análises dos livros posteriores ao PNLD.

A escolha pela análise de livros didáticos das disciplinas de História e Geografia das séries iniciais do ensino fundamental, justifica-se pelo fato de que os objetos de estudo, tanto da História, quanto da Geografia, estão mais relacionados e são mais propícios para uma observação da discriminação do gênero feminino nos livros didáticos destas matérias (e da matéria de Estudos Sociais, no caso dos livros anteriores ao PNLD).

De acordo com os PCN (Parâmetros Curriculares Nacionais), o objeto de estudo da disciplina História é o estudo do ser humano na sociedade, sendo que o objetivo mais relevante do ensino desta disciplina é a constituição da identidade, onde serão

relacionados os aspectos da identidade individual, social e coletiva. Desse modo, pode-se relacionar a História a aspectos sociais, políticos, religiosos, culturais e educacionais, primeiramente partindo da própria comunidade da aluna ou aluno, avançando-se até as esferas municipal, regional e nacional. Outro ponto pertinente do ensino de História é a constituição da noção temporal ou linha do tempo, onde alunas e alunos deverão aprender a se localizar no tempo e no qual deverão ser abordados aspectos como mudanças, permanências, continuidades rupturas e conflitos.

Quanto à Geografia, seu objeto de estudo contempla não apenas o espaço físico, mas também as relações que o homem mantém neste espaço como a exploração, a transformação, a conservação e a preservação deste espaço.

Nas séries iniciais do ensino fundamental, o ensino de Geografia proporcionará aos alunos e alunas uma compreensão mais ampla da realidade geográfica, tanto no espaço natural, quanto no espaço construído, o que irá possibilitar uma atuação com a natureza e o meio ambiente mais conscientizada.

Também é nas séries iniciais do ensino fundamental que o ensino de História e Geografia terá que privilegiar o conhecimento da realidade local, como o município, a localidade, o bairro e a rua, pois são nestes espaços que alunas e alunos se localizam e se movimentam, podendo conseqüentemente interferir na realidade local através de sua participação nas decisões políticas e sociais mais efetivamente.

Observando-se todos estes aspectos pertencentes aos ensinamentos de História e Geografia, é possível verificar a relevância da análise de uma possível discriminação de gênero nos livros destas disciplinas, nas séries iniciais do ensino fundamental, justificando assim, a delimitação da pesquisa.

4 - METODOLOGIA

Nesta pesquisa foram analisados, no total, vinte livros didáticos das séries iniciais do ensino fundamental, sendo doze deles anteriores ao PNLD, consultados no acervo de livros didáticos da biblioteca da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo e os outros oito posteriores ao PNLD, gentilmente cedidos pela editora Scipione. Verifica-se, portanto, que o número de livros anteriores ao PNLD analisados, é maior que o número de livros posteriores. Esta diferença justifica-se pelo fato de que foram analisados livros posteriores ao PNLD do ano de 2001, da editora Scipione. Enquanto foram analisados livros anteriores ao PNLD de três décadas (70,80 e 90) e de várias editoras, constituindo uma amostra de livros um pouco maior.

A amostra dos livros analisados foi composta segundo o que se segue:

4.1 LIVROS ANTERIORES AO PNLD QUE FORAM ANALISADOS

Foram analisados doze livros, sendo que quatro compõem uma coleção completa de 1ª a 4ª série, e outros oito livros, coleções e séries diferentes, conforme especificado no índice de livros utilizados.

Dos 12 volumes anteriores ao PNLD que foram analisados, o mais antigo foi produzido no ano de 1977, para a 4ª série e o mais recente foi produzido no ano de 1996, para a 2ª série.

4.2 LIVROS POSTERIORES AO PNLD QUE FORAM ANALISADOS

Todos os oito livros analisados foram produzidos no ano de 2001, ou seja, posteriormente a implantação do 1º PNLD. Estes livros estão inseridos na edição atual do PNLD, o Guia do PNLD 2004.

Os oito livros analisados compõem duas coleções (uma de História e uma de Geografia) de 1ª a 4ª séries, compostos por quatro livros cada. Para a realização das análises nesta pesquisa, foram escolhidos livros de uma mesma coleção, pois de acordo com o PNLD atual (2004), os professores precisam escolher uma mesma coleção para trabalhar as

diferentes áreas de ensino, ou seja, os professores e professoras das séries iniciais do ensino fundamental terão de escolher em conjunto, uma mesma coleção para a área de Geografia, outra para a área de História, outra para a de Matemática e assim por diante. Antigamente era permitida a escolha de livros de coleções diferentes, porém constatou-se que isso era prejudicial ao aprendizado do aluno, pois um aluno de 1ª série aprendia através da proposta de um livro, sendo que na 2ª série, um livro de coleção diferente teria uma outra proposta, o que poderia prejudicar o ritmo de aprendizado do aluno. Deste modo, analisando livros didáticos de uma mesma coleção, a pesquisa condiz com a realidade atual.

As coleções de 1ª a 4ª séries escolhidas foram “Pensar e Construir História” e “Pensar e Construir Geografia”, ambos da autoria de Maria da Conceição Carneiro Oliveira (licenciada e bacharelada em História, pela Universidade de São Paulo) e Silas Martins Junqueira (formado em Geografia pela Universidade de São Paulo). A editora é Scipione, uma das mais tradicionais no mercado de livros didáticos.

A escolha destas coleções justifica-se pelo fato delas estarem enquadradas na categoria Recomendada com Ressalvas (uma estrela), categoria que compreende a maioria das coleções analisadas no PNLD 2004, tanto na matéria de História, quanto na matéria de Geografia. Além disto, ainda de acordo com o PNLD 2004, estas coleções apresentam uma proposta de ensino inovadora, valorizando a interdisciplinaridade e a transversalidade. Sendo assim, considerou-se que estas coleções da editora Scipione seriam interessantes e apropriadas para a realização das análises no contexto global da pesquisa.

5 - APRESENTAÇÃO DE RESULTADOS E ANÁLISE DOS DADOS

5.1 – ANÁLISE QUANTITATIVA DAS ILUSTRAÇÕES:

A análise quantitativa das ilustrações⁴, consiste em verificar nos livros didáticos anteriores e posteriores ao PNLD o percentual de figuras masculinas e de figuras femininas que apareciam nas ilustrações dos livros, com o objetivo de verificar se houve ou não uma diminuição na discriminação contra o sexo feminino nos livros posteriores ao PNLD.

Para a realização desta análise, foi utilizada uma amostra composta pelo total de oito livros, sendo quatro livros didáticos de Estudos Sociais, dois de 3ª e dois de 4ª série, anteriores ao PNLD e outros quatro livros didáticos, sendo dois de História (1ª e 2ª séries) e dois de Geografia (1ª e 2ª série), posteriores ao PNLD.

De acordo com as análises, foram obtidos, conforme tabelas apresentadas abaixo, os seguintes resultados:

5.1.2 LIVROS ANTERIORES AO PNLD:

LIVROS	Total de ilustrações (nº)	Ilustrações masculinas (%)	Ilustrações femininas (%)
Paisagem Brasileira 4ª série	293	84	16
Mundo Mágico 4ª série	265	69	31
Caminhando 3ª série	151	71	29
Viva Vida 3ª série	300	67	33

⁴ A análise qualitativa das ilustrações será feita nos próximos capítulos, de acordo com as categorias de análise estabelecidas.

5.1.3 LIVROS POSTERIORES AO PNLD:

LIVROS (siglas)	Total de ilustrações (nº)	Ilustrações masculinas (%)	Ilustrações femininas (%)
História 1ª série	389	56	44
História 2ª série	294	50	49
Geografia 1ª série	251	46	54
Geografia 2ª série	247	53	47

5.2– ANÁLISE DA LINGUAGEM TEXTUAL – O USO DE LINGUAGEM SEXISTA NOS LIVROS DIDÁTICOS

Nesta seção, dando início às análises qualitativas, será analisada a linguagem utilizada nos livros didáticos, observando o uso de linguagem sexista nos livros didáticos anteriores e posteriores ao PNLD.

5.2.1 – LIVROS ANTERIORES AO PNLD

Em um dos livros analisados, “Paisagem Brasileira Terra e Gente” (DARÓS, Vital 1997, 4ª série, pág.151), há uma atividade onde o autor propõe a seguinte tarefa:

“Vamos entrevistar um escravo ? Entreviste um ex-escravo alguns anos após a Lei Áurea. Que perguntas você lhe faria ? “

Pode-se perceber que a linguagem utilizada neste enunciado, refere-se a ambos os sexos utilizando a palavra escravo, no masculino, o que caracteriza uma linguagem sexista.

Em outro livro analisado “Viva a Vida – O município” (AZEVEDO, Marta R., 1994, 3ª série, pág. 157) encontra-se a seguinte frase utilizada no título de um capítulo:

“Quem mora no Brasil é brasileiro”.

Pode-se constatar também nesta frase uso de uma linguagem que utiliza o gênero masculino, ocultando o gênero feminino.

Neste mesmo livro, encontram-se várias passagens onde homens e mulheres são generalizados através do uso da palavra “homem” excessivas vezes, como é apresentado abaixo:

“Os **homens** começaram a viver com outros homens, a plantar e a criar animais”.

“Há também elementos criados pelo **homem**. As casas, os veículos, as pontes, os viadutos e as estradas são criações do **homem**”.

Outra frase:

“Há mudanças que são feitas pelo **homem**. Algumas prejudicam o meio ambiente e trazem problemas para a vida dos animais, das plantas e do próprio **homem**”.

No livro “Paisagem Brasileira” (pág.27) encontramos a seguinte proposta de atividade, também escrita em uma linguagem sexista:

“Vamos citar uma montanha de palavras ?”

“O **professor** escreve no quadro negro a palavra relevo. Cada **aluno** vai à lousa e escreve uma palavra relacionada ao relevo.”

5.2.2 – LIVROS POSTERIORES AO PNLD

Em um dos livros analisados, “Pensar e Construir Geografia”, 4ª série, no capítulo referente ao estudo dos povos indígenas, tem-se a seguinte frase:

“Os **meninos e as meninas** indígenas brincam muito”.

Observando esta frase, já é possível observar a mudança ocorrida na maneira de escrever a frase utilizando uma linguagem que não oculta o gênero feminino.

O mesmo acontece nesta outra frase, encontrada em um outro livro de Geografia da 1ª série:

“Agora **o seu colega (ou a sua colega)** deve contornar o seu corpo com uma caneta, riscando o papel e fazendo a representação do seu corpo”.

Observando a forma como foi escrito este enunciado de uma das atividades propostas no livro, podemos perceber o cuidado que se tem em relação ao uso de uma linguagem que não generalize os sexos masculino e feminino, mas que privilegie a

individualidade do gênero nas palavras. Também é importante destacar que mesmo que a palavra colega tenha um gênero neutro, mostra-se o cuidado no uso dos artigos O e A, distintamente. Percebe-se portanto, uma visível melhora com relação ao uso de uma linguagem não discriminatória nos livros posteriores ao PNLD.

5.2.3 – ANÁLISE INICIAL

Em todas as frases encontradas nos livros anteriores ao PNLD apresentadas nesta pesquisa, as mulheres são representadas através de uma linguagem que é expressa exclusivamente no gênero masculino, o que consiste em uma discriminação do gênero feminino no meio lingüístico, sendo raras as frases encontradas nestes livros em que a linguagem utilizada não fosse discriminatória.

Em um dos livros, por exemplo, encontra-se um enunciado de atividade onde se pede: “Faça de conta que você é um **escravo ou uma escrava...**” Porém, conforme já citado, são frases raras de se encontrar nos livros mais antigos, visto que a linguagem que predomina nestes materiais é discriminatória.

Em todos os livros posteriores ao PNLD que foram analisados pode-se perceber o uso de uma linguagem menos discriminatória do que nos livros anteriores ao PNLD. Por exemplo, a palavra professor, nos livros didáticos posteriores ao PNLD é escrita desta forma: “Professor(a)” em vez de ser escrita apenas no masculino “professor” para referir-se a ambos os gêneros, representando um avanço.

Tais avanços são muito importantes e significativos na busca pelo uso de uma linguagem que não seja discriminatória, porém avançar apenas não é suficiente. É necessário que estes avanços sejam mantidos e que sejam constantes, pois os próprios livros posteriores ao PNLD (que conforme pudemos observar apresentaram melhoras no uso da linguagem) também voltam em alguns momentos a fazer uso de linguagem sexista, embora com menor frequência que nos livros mais antigos. Por exemplo, entre um capítulo e outro pode-se encontrar frases em que as palavras professor e aluno, novamente aparecem escritas apenas no masculino.

A linguagem sexista provém da prática social sexista, que por sua vez está permeada por uma educação sexista recebida na família, na escola, no trabalho, enfim, nos espaços de convívio social e também através dos meios de comunicação em massa.

É importante destacar a escola como espaço de convívio social, onde a criança percebe logo que se dirigem a ela chamando-a de menina, porém poderá ouvir de sua professora ou professor, frases do tipo “Meninos, abram os cadernos”. E então, quando ela for repreendida por ter mantido o seu caderno fechado e a professora ou professor lhe explicar que a palavra “meninos” também se refere às meninas, ela poderá entender erroneamente que a palavra “menino” refere-se igualmente aos dois sexos.

Monteserrat Moreno, em seu livro “Como se ensina a ser menina” faz a seguinte observação com relação à linguagem:

“A menina deve aprender sua identidade sexolinguística para imediatamente renunciar a ela. Permanecerá durante toda sua vida diante de uma ambigüidade de expressão com a qual acabará se acostumando, com o sentimento de que ocupa um lugar provisório no idioma, lugar que deverá ceder imediatamente quando aparecer no horizonte do discurso um indivíduo do sexo masculino, seja qual for a espécie a que ele pertença.” (pág.38)

Também é na escola que a menina descobrirá que existe uma hierarquia, uma certa ordem com relação à linguagem que incorrerá em colocar em primeiro lugar a pessoa de posição mais alta na hierarquia.

Por exemplo:

“Pai e filho são médicos”.

Assim, a menina ouvirá sua professora ou professor dizer:

“Venham para a lousa um menino e uma menina”, sempre nesta mesma ordem e isto já não lhe causará estranhamento.

Como foi possível observar nos dados apresentados sobre o uso da linguagem nos livros didáticos, a linguagem escrita também pode contribuir significativamente com a transmissão da discriminação do sexo feminino.

O fato de termos observado que a preocupação com o uso de uma linguagem não discriminatória vem aumentando nos livros didáticos posteriores ao PNLD deve servir como estímulo para fortalecer o combate às formas sexistas de linguagem tanto oral, quanto escrita.

Mudar o uso discriminatório da linguagem escrita nos livros didáticos significa promover uma nova consciência, aceitando o louvável desafio de romper com as práticas sexistas no sistema de ensino.

Finalizando esta análise inicial, lembro que é fundamental não apenas mudar o uso de uma linguagem discriminatória por uma não-discriminatória, como também é preciso que tal mudança seja mantida e progressiva, até que as características sexistas possam ser completamente erradicadas da linguagem que utilizamos, não apenas nos livros didáticos, mas também na vida.

5.3 – ANÁLISE DA LINGUAGEM TEXTUAL - DAS **CARACTERÍSTICAS SEXISTAS OBSERVADAS NO USO DA LINGUAGEM NOS** **LIVROS DIDÁTICOS**

Nesta seção, serão analisadas as características sexistas encontradas nos textos utilizados nos livros didáticos anteriores e posteriores ao PNLD.

5.3.1 – LIVROS ANTERIORES AO PNLD

Em um dos livros analisados (Coleção Desafio, CAMPELO, Sonia M. C., 2ª série, pág. 52), há um capítulo referente à orientação espacial que apresenta um texto intitulado “**O plano de João**”, uma alusão ao conto João e Maria, no qual nota-se que o próprio título do texto já valoriza o masculino.

Segundo o texto, João, quando ia para a floresta com Maria, marcava o caminho de volta para a casa com pedrinhas, para eles não se perderem, demonstrando sua inteligência, pois no texto é enfatizada a esperteza e astúcia do menino João, retratado como herói da estória, sendo que Maria é retratada na estória como sua irmã, frágil e indefesa. João é o personagem que se sobressai em relação à Maria, como se pode observar no trecho abaixo:

“João e Maria foram abandonados na floresta pelo pai e a madrasta . E agora? Como voltar para casa? Mas João estava tranquilo. Ele tinha um plano.”

Em outro livro analisado (Paisagem Brasileira pág. 122), encontra-se o seguinte trecho do texto sobre as bandeiras:

“A bandeira vai partir. Mulheres e crianças ficam.”

Esta é a única referência feita às mulheres durante todo o capítulo que fala sobre os bandeirantes e há no final do capítulo uma atividade proposta pelo autor onde os alunos e alunas têm que dissertar sobre quem participava das bandeiras.

Em uma atividade como esta, corre-se o risco de reforçar a exclusão das mulheres que, segundo o texto, juntamente com as crianças não participavam das bandeiras. Fica subentendido que as mulheres não poderiam participar das bandeiras por serem frágeis e por terem que cuidar das crianças que também ficariam, pois era este o seu papel.

Neste mesmo livro, existe um capítulo que fala a respeito da abolição da escravidão no Brasil, onde também uma passagem que merece ser lida com um olhar mais atento à questão do sexismo:

“A lei Áurea foi a lei que aboliu oficialmente a escravidão no Brasil. Essa lei foi assinada pela princesa Isabel em 13 de maio de 1888, pois seu pai D. Pedro II estava viajando pela Europa”

É interessante perceber como o texto utilizado neste livro faz questão de esclarecer que a princesa Isabel só assinou a lei Áurea porque seu pai estava viajando. A atividade proposta em seguida, reforça ainda mais a discriminação embutida nesta pergunta:

“Por que a lei Áurea foi assinada pela princesa Isabel e não por D. Pedro II?”

Que finalidade educativa teria uma pergunta como esta, além de acentuar o fato de que quem deveria ter assinado a lei Áurea era D. Pedro e não a princesa Isabel?

Com um olhar mais crítico e atento às características sexistas nos conteúdos escolares, pode-se perfeitamente enxergar traços sexistas em uma pergunta como esta.

Ainda neste livro, no capítulo que trata da independência do Brasil, tem-se uma outra frase onde o sexo masculino é extremamente valorizado:

“Dom Pedro, filho de D. João VI, ficou governando o Brasil”.

Esta frase, estando inserida no texto explicativo do conteúdo se está trabalhando naquele momento, provavelmente passaria despercebida.

No entanto, é importante observar esta frase com mais atenção.

É bastante comum, principalmente tratando-se de livros de história, encontrarmos frases como esta, que valorizam a figura masculina do pai, homem importante na história, sem sequer mencionar a figura da mãe. Partindo desta observação, coloco a seguinte questão: “Será que D. Pedro não tinha mãe?” Esta é uma pergunta que alunas e alunos podem fazer a si mesmos, ao observarem uma frase como a apresentada. Se por outro lado a mãe de D. Pedro também fosse mencionada na frase, o sexo feminino não seria inferiorizado e as alunas e alunos ainda receberiam uma informação mais completa, sem dar margem a interpretações errôneas.

Em outro livro didático observado (Caminhando, SARONI, Fernando e CARVALHO, Maurício, 3ª série, pág. 160) encontra-se o quadro abaixo:

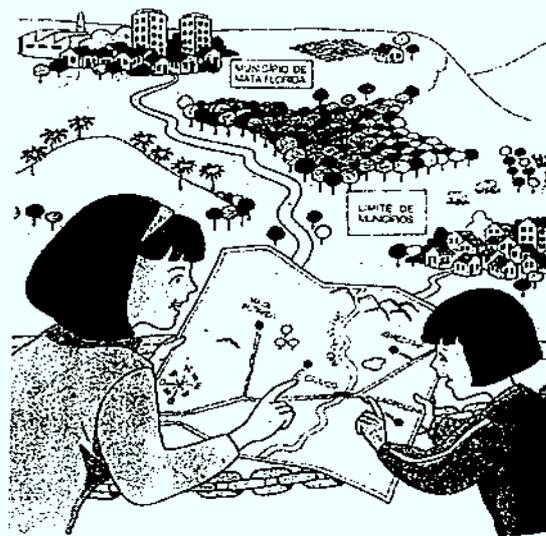
Nome	Atividade	Local de nascimento
Prudente de Moraes	político presidente da República	Itu (1841-1902)
Campos Sales	político presidente da República	Campinas (1841-1913)
Rodrigues Alves	político presidente da República	Guaratinguetá (1848-1919)
José Bonifácio de Andrada e Silva	estadista	Santos (1763-1838)
Diogo Antônio Felício	político regente do Império	São Paulo (1784-1843)
Júlio Prestes	político	Itapetininga (1882-1946)
Prestes Maia	urbanista administrador	Amparo (1896-1985)
Almeida Júnior	pintor	Itu (1850-1899)
Cândido Portinari	pintor	Brodóski (1903-1962)
Emílio Ribas	médico sanitário	Pindamonhangaba (1862-1925)
Oswaldo Cruz	médico sanitário	S. Luís do Paraitinga (1872-1917)
Carlos Gomes	compositor	Campinas (1836-1896)
Monteiro Lobato	escritor	Taubaté (1882-1948)
Paulo Setúbal	escritor	Tatuí (1893-1937)
Guilherme de Almeida	poeta	Campinas (1890-1969)

Este quadro faz referência aos paulistas ilustres e conforme é possível observar, não há o nome de uma mulher sequer.

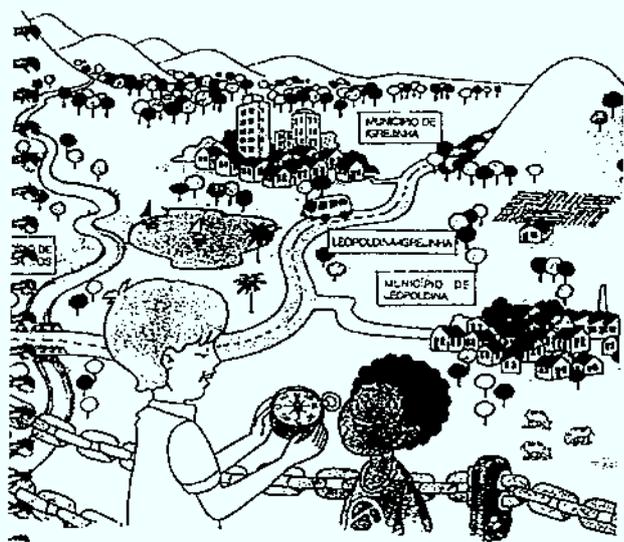
A exclusão do gênero feminino de uma tabela como esta contribui para promover ainda mais a discriminação contra o gênero feminino.

Em outro livro observado (Viva Vida, AZEVEDO, Marta R., 1994, 2ª série, pág.80) há um capítulo sobre a localização dos municípios, onde na ilustração, uma mulher e uma menina observam um mapa:

A localização dos municípios



E dois meninos observam uma bússola:



Vejamos o que diz o enunciado da atividade proposta a seguir:

“Vamos entender a cena?”

“Um menino está com uma bússola na mão. Para que serve esse aparelho?”

“As pessoas estão apontando alguns lugares que aparecem no papel e na realidade. Circule com lápis da mesma cor um lugar que aparece no papel e um que aparece na realidade.”

Nesta atividade, pode-se observar a referência que o livro faz à figura do menino, valorizando-o enquanto refere-se às figuras da mulher e da menina, utilizando a palavra pessoas, ocultando o gênero feminino.

Em um capítulo encontrado em outro livro (Novo Eu gosto de Estudos Sociais, PASSOS, Célia, SILVA, Zeneide, 1990, 1ª série, págs.138 -140) pode-se observar a presença de características sexistas no texto utilizado, referente às Datas Comemorativas.

As datas comemorativas abordadas pelo livro são os dias das mães e dos pais.

Na abordagem do dia das mães, utiliza-se o seguinte texto:

“O dia das Mães”

“O dia das mães é comemorado sempre no segundo domingo do mês de maio. Não é somente nesse dia que devemos agradá-la, mas em todos os dias do ano.”

Em seguida, é proposto aos alunos e alunas que cantem a seguinte canção para as suas mães:

“Mamãezinha”

Mamãezinha, ó mamãezinha,

Neste dia queremos saudar.

Mamãezinha, ó queridinha,

Uma festa nós vamos te dar.

Mamãezinha, tu és meu tesouro,
Que bom que o Senhor me deu.
Eu reconheço, mãezinha,
Todo meu afeto é teu.

Recebe, mãezinha, estas
Flores, em sinal de minha gratidão.
Sei que estás, mamãezinha,
Bem no fundo do meu coração.

(Disco Criança, canta o Brasil)

Sugere-se, através da letra desta canção, que a criança deve agradecer a sua mãe todos os dias do ano e em seguida sugere que o aluno ou aluna cante para a sua mãe, apresentando uma música que exalta o amor do filho pela sua mãe.

Pode-se perceber que a mãe é representada no texto como a mulher que cuida dos filhos, por isso deve ser amada, as relações afetivas e os sentimentos também são exaltados neste texto.

Com relação à comemoração do dia dos pais, é apresentado um texto curto, com os seguintes dizeres:

“Papai é nosso grande amigo e companheiro.
Ele trabalha o ano inteiro para dar o melhor à família.
Devemos amar, respeitar e confiar sempre no nosso querido papai”.

“O Dia dos Pais é comemorado no segundo domingo de agosto”.

Pode-se observar que na comemoração do dia dos pais, o pai é citado no texto como um grande amigo e companheiro e também como aquele que trabalha o ano inteiro para dar o melhor à família. E enquanto o livro sugere que a criança apenas deve agradecer a sua mãe, sugere que a criança deve amar, respeitar e confiar sempre em seu pai.

Do modo como foram escritos estes textos acabam por reforçar as idéias sexistas de que é importante agradar ao pai no dia dos pais, porque além de ele ser um amigo e companheiro, também trabalha o dia inteiro para garantir o sustento do lar. Já a mãe, deve ser agradada por ser ela quem cuida e dá carinho aos filhos. Percebe-se que a figura da mãe está diretamente relacionada ao “cuida” e a figura do pai, diretamente relacionada ao “trabalhar”, reforçando o sexismo presente no estabelecimento e transmissão destas relações.

Em alguns livros anteriores ao PNLD que foram analisados, há capítulos que tratam da administração e governo do município. Nestes capítulos pode-se facilmente observar a valorização do sexo masculino nas linguagens utilizadas.

Em um dos livros (Coleção Desafio, 2ª série, pág.98), no capítulo que trata da administração do município, apresenta-se, como se pode observar, uma linguagem aliada às ilustrações, onde o sexo feminino é simplesmente deixado de lado e é dada ênfase ao sexo masculino, podendo inclusive, ficar subentendido que os cargos de autoridade devem ser ocupados por homens e não por mulheres.

Trecho do texto que acompanha a ilustração abaixo, retirada do livro didático:

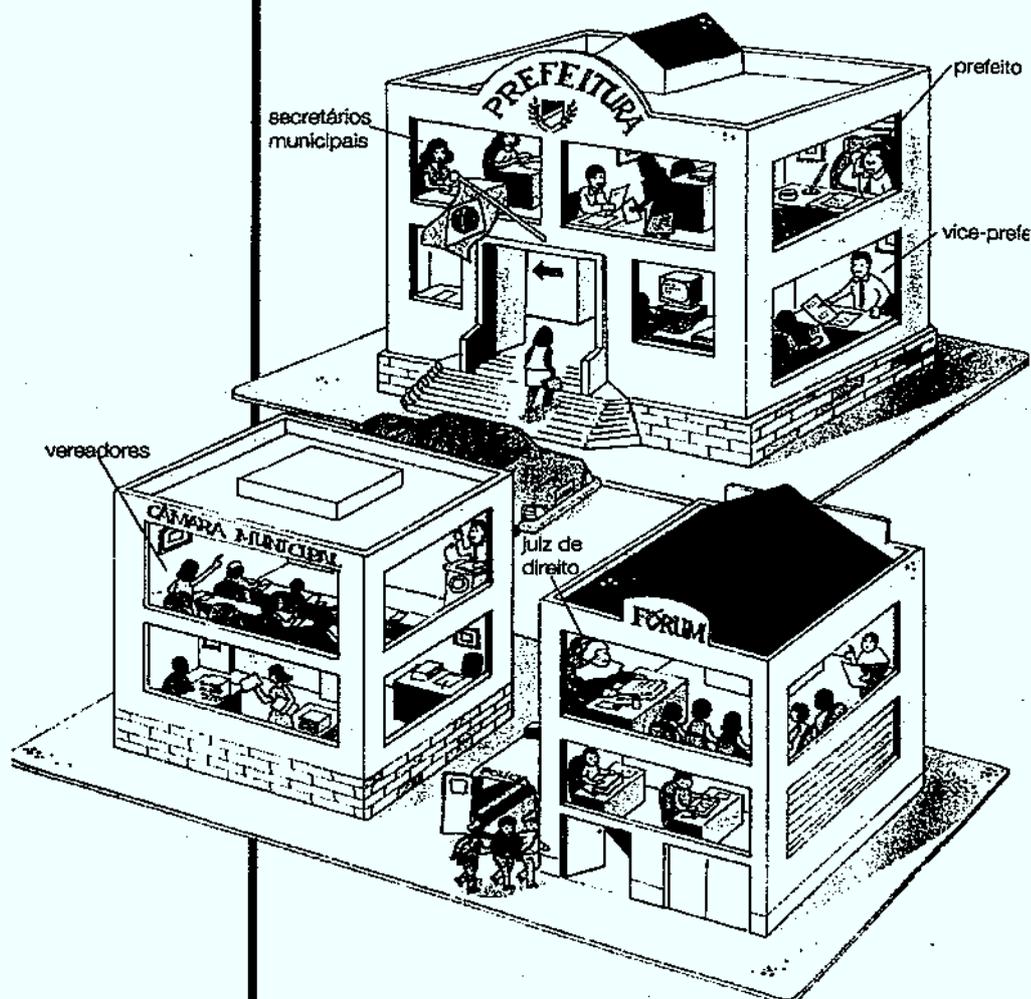
***“Existem ainda outras autoridades no município:
autoridades civis: delegado de polícia, juiz de paz;
autoridades religiosas: padres, bispos, pastores, rabinos, etc.;***
***autoridades militares: representantes da Polícia Militar e das
Forças Armadas: Marinha, Exército e Aeronáutica.”***



Em outro livro analisado (Viva Vida, 3ª série, pág. 150) encontra-se uma outra passagem que representa perfeitamente a discriminação do gênero feminino, onde em uma ilustração, que representa a prefeitura de um município, há duas figuras de mulheres trabalhando e mesmo não aparecendo nenhuma figura masculina, uma seta as indica e as nomeia como “Secretários Municipais”, no masculino.

8

O governo do município



Em um outro livro (Coleção Desafio, 2ª série, pág.98), também se pode observar a linguagem discriminatória que é empregada para fazer referência aos cargos de autoridade. Vejamos a frase abaixo:

“No município, quem é responsável pela organização desses serviços é o prefeito e o vice-prefeito, que são pessoas escolhidas pela comunidade através de uma eleição”.

Pode-se observar que os cargos de autoridade também foram escritos no masculino.

5.3.2 – LIVROS POSTERIORES AO PNLD

Vejamos as frases abaixo, retiradas do capítulo “A escola nossa de cada dia” encontradas em um livros analisados (Pensar e Construir História, OLIVEIRA, Maria C.C. e JUNQUEIRA, Silas, 2001 M. 1ª série, pág. 123-124) :

... “ - Mas o mais legal era o concurso. Os meninos saíam nas ruas para mostrar aos homens suas composições. Quando esses homens gostavam de alguma, furavam o papel com um alfinete. Quem chegasse na classe com o papel que tivesse mais furos, vencia o concurso. O professor que dava aula só para os meninos era quem verificava todos os papéis e então dava o título de “Imperador da turma” para aquele que escrevia melhor que todo mundo”.

Continuando o trecho do texto:

“- Que legal, podia sair da escola para fazer isso? Devia ser bem divertido né? E as meninas?”

... “- A Cristina disse que poucas meninas estudavam naquela época e que elas não saíam para a rua. O concurso delas era diferente. Elas desenhavam e pintavam um

desenho de Santo Aleixo e decoravam a folha. Aquela que desenhasse e pintasse mais bonito, que fizesse a melhor decoração, virava a imperatriz”.

“- Então ser menino naquele tempo era bem mais legal, né, Benê ?”

“- Eu acho que sim. Além disso, a professora que dava aulas para as meninas às vezes não era justa, pois transformava em imperatriz a menina mais rica da classe, já pensando em um jantar na casa dela”.

Pode-se observar que neste trecho do texto, são discutidas as diferenças entre ser menino e ser menina na época antiga, conferindo vantagem em ser menino, segundo a fala dos personagens. Além disso, no texto é atribuída característica negativa ao gênero feminino, quando coloca-se a fala de que a professora que dava aulas para as meninas às vezes não era justa.

O que diferencia este livro de livros anteriores ao PNLD caracterizando mudanças positivas em relação à discriminação de gênero, é o fato dos livros posteriores ao PNLD utilizarem textos como este para gerar discussões e debates sobre as diferenças entre ser menino e ser menina, através de atividades propostas aos alunos e alunas. Como acontece na atividade reproduzida abaixo, proposta pelo autor, como atividade complementar de estudo do texto em questão: “No tempo em que Debret esteve no Brasil, os meninos e as meninas estudavam em classes separadas”.

- a) Por que será que era assim? O que você pensa sobre isso?
- b) Você já ouviu falar de alguma escola em que os meninos estudam em classes separadas das meninas atualmente?

A proposta de atividades como estas pode justificar a utilização de textos sexistas, a fim de utilizá-los para promover na sala de aula discussões sobre a discriminação de gênero, o que é desejável no sentido de estimular a reflexão dos alunos e alunas sobre esta questão. Portanto, é importante que o professor utilize-se de atividades como estas, propostas com mais frequência nos livros didáticos posteriores ao PNLD, pois esta é uma importante mudança instituída nestes livros, em relação aos livros anteriores ao PNLD.

Com relação aos capítulos referentes à administração e governo do município, nota-se que também ocorreram mudanças significativas com relação ao uso de uma linguagem menos sexista. Em um dos livros analisados (Pensar e Construir História 1ª série, págs. 134 - 135.), a nomenclatura dos cargos de autoridade, é escrita nos gêneros masculino e feminino, como na questão reproduzida abaixo:

“O seu município é administrado por um prefeito ou por uma prefeita?”

Com relação aos capítulos referentes à escola e seus funcionários, também ocorreram mudanças positivas no uso da linguagem, que passaram a nomear os cargos dos funcionários das escolas, tanto no masculino, como no feminino. Como pode ser observado nestas fichas de entrevistas propostas aos alunos e alunas:

FICHA DE ENTREVISTA 1	
OS TRABALHADORES DA MINHA ESCOLA E SUAS FUNÇÕES	
1. Quem é o diretor ou a diretora?	_____
2. O que ele/ela faz? Quais são as responsabilidades dele/dela na escola?	_____
3. Quem é o vice-diretor ou a vice-diretora?	_____
4. O que ele/ela faz? Quais são as responsabilidades dele/dela na escola?	_____
5. Quem é o coordenador pedagógico ou a coordenadora pedagógica?	_____
6. O que ele/ela faz? Quais são as responsabilidades dele/dela na escola?	_____
7. Quem é o secretário ou a secretária?	_____
8. O que ele/ela faz? Quais são as responsabilidades dele/dela na escola?	_____
9. Quem é o inspetor ou a inspetora de alunos?	_____

Continuação da Ficha de entrevista

10. O que ele/ela faz? Quais são as responsabilidades dele/dela na escola?

11. Quem é o merendeiro ou a merendeira?

12. O que ele/ela faz? Quais são as responsabilidades dele/dela na escola?

13. Qual é o funcionário ou a funcionária mais antigo/antiga? Há quantos anos ele/ela trabalha na escola?

14. O que ele/ela faz? Quais são as responsabilidades dele/dela na escola?

15. Há outras pessoas que trabalham na sua escola? Que funções elas ocupam?

16. O que essas pessoas fazem? Quais são as responsabilidades que elas têm na escola?

Professor(a): Na escolas em que alguns pais desempenham funções e ocupam cargos junto à APM (Associação de Pais e Mestres), Considere essa hipótese na entrevista de seus alunos.

5.3.3 – ANÁLISE INICIAL

Observando-se as características sexistas encontradas nos livros didáticos anteriores ao PNLD, pode-se perceber claramente como o sexo masculino destaca-se em relação ao feminino.

Levando-se em consideração que os livros analisados são de História e Geografia, podemos observar em Moreno (1999), que a historiografia machista além de ignorar a mulher, também transmite uma concepção de mundo e das relações em sociedade fixadas na valorização da força, no desejo de domínio.

“A historiografia elitista é também sexista não só porque está construída com uma ótica androcêntrica e narrada deixando transparecer esta mesma ideologia, seus valores supremos e sua interpretação parcial e tendenciosa, sua exaltação da força, do poder e da agressividade.” (pág. 51)

O fato é que a ausência da mulher nos textos escolares de História é grande, tanto nas narrativas de guerras quanto nas escassas narrativas da organização social. Assim, Moreno nos fala que a História carregada de ideologias sexistas deve ser reescrita, o que segundo ela, é uma tarefa que felizmente já está sendo realizada, sob uma ótica completamente diferente (pág.51)

Alguns livros atuais, como foi apresentado, ainda trazem textos com características sexistas, onde a mulher é colocada em posição de inferioridade com relação ao homem. Porém, foi possível constatar uma preocupação dos autores em utilizar estes mesmos textos para propor aos estudantes, atividades que possam gerar discussões e questionamentos a respeito das diferenças entre os gêneros masculino e feminino, o que é desejável no sentido de combater a transmissão de idéias e práticas sexistas.

5.4 – A REPRESENTAÇÃO DA MULHER NAS FAMÍLIAS APRESENTADAS NOS LIVROS DIDÁTICOS

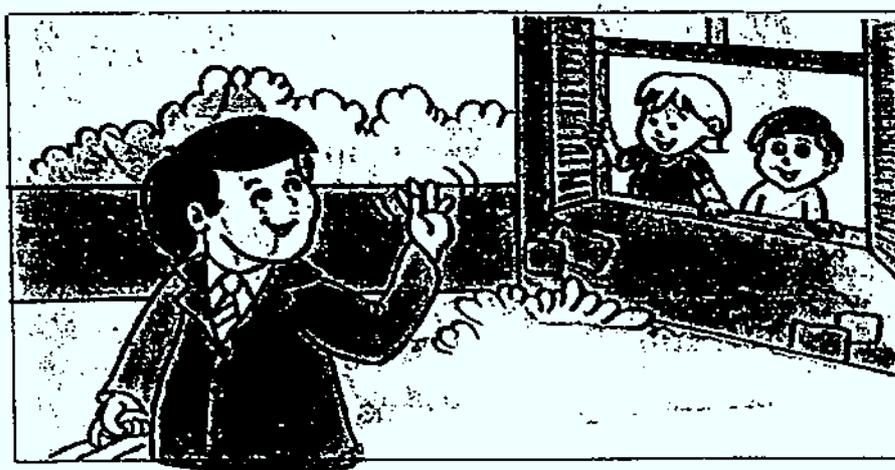
Dando início às análises qualitativas das ilustrações dos livros didáticos, serão analisadas as representações das mulheres na constituição das famílias apresentadas nos livros didáticos anteriores e posteriores ao PNLD.

5.4.1 – LIVROS ANTERIORES AO PNLD

Nos livros anteriores ao PNLD, as famílias eram representadas em uma estrutura nuclear, onde pai, mãe e filhos constituem a família, morando na mesma casa e desempenhando cada um o seu papel, o pai trabalha fora, a mãe cuida dos afazeres domésticos e dos filhos e os filhos brincam e estudam.

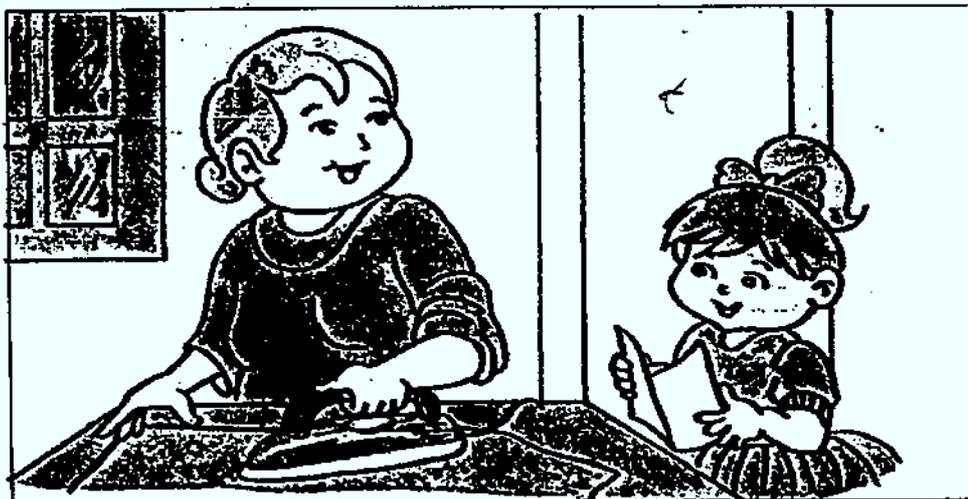
Em um dos livros analisados (*As letrinhas fazem a festa*, MEDEIROS, Celme Farias, 1991, 2ª série, pág.24), há um capítulo que trata das atividades diárias das pessoas, onde ficam claros os papéis que devem ser cumpridos pelo homem, na figura do pai de família:

“O pai sai cedo para o trabalho”.



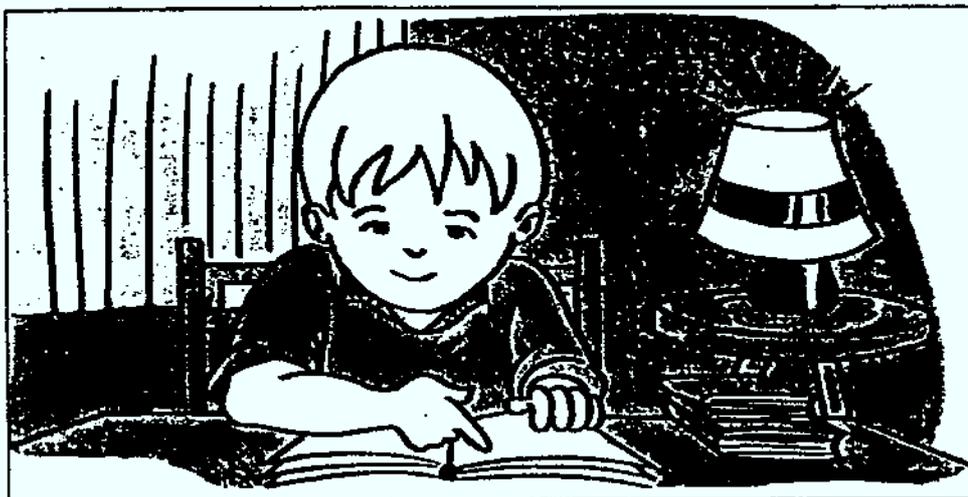
O papai sai cedo para o trabalho.

Pela mulher, no papel de mãe:



Mamãe cuida da casa e dos filhos.

E pela criança, no caso, o aluno ou aluna:



Você estuda as lições.

Em um outro livro analisado (Coleção Desafio, 2ª série, pág.11), no capítulo que trata da comunidade familiar, os autores utilizam um poema de Elias José, acompanhado das ilustrações, onde a mulher é retratada de maneira estereotipada, com comportamentos e características tidas como típicas do sexo feminino, conforme é mostrado abaixo:



A comunidade familiar

As tias

- A tia Catarina cata a linha.
- A tia Teresa bota a mesa.
- A tia Ceição amassa o pão.
- A tia Lela espia da janela.
- A tia Dora só namora.

- A tia Cerna teima que teima.
- A tia Maria dorme de dia.
- A tia Tininha faz rosquinha.
- A tia Marta corta a bata.
- A tia Salima fecha a rima.

Elias José. *Namorinho de portão*, Moderna.

Nota-se que no pequeno poema, intitulado “As tias”, a figura feminina é o tema central, relacionando a mulher aos afazeres domésticos, como se nota nas frases abaixo:

“A tia Teresa bota a mesa”.

“A tia Ceição amassa o pão”.

“A tia Tininha faz rosquinha”.

Observando o poema com um olhar mais atento à questão do sexismo, pode-se perceber que algumas frases do poema utilizado agregam características negativas ao sexo feminino, como se pode notar nas frases:

“A tia Dora só namora”. (característica de desocupada e namoradeira)

“A tia Cema teima que teima”. (característica de teimosa)

“A tia Maria dorme de dia”. (característica de dorminhoca e preguiçosa)

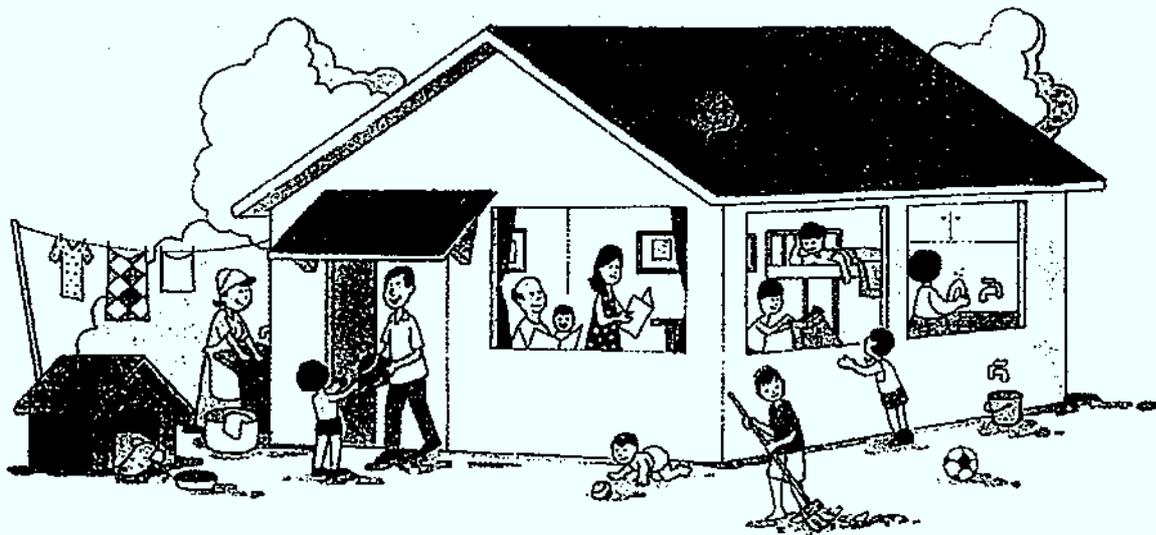
Além de características negativas, um texto como este também pode agregar ao sexo feminino uma característica que pode até mesmo ser considerada como pejorativa, quando faz referência ao ato de cuidar da vida alheia, fofocar, espionar, atitudes subentendidas na frase:

“A tia Lela espia da janela”.

A ilustração reforça ainda mais o estereótipo de mulher bisbilhoteira.

Em um outro livro analisado, (*Viva a Vida – o município*, 3ª série, pág.7), o texto referente à família explica que os tempos mudaram e as famílias também, explica que os filhos podem viver em casas separadas da dos pais e que pai e mãe hoje trabalham fora. Neste sentido, o livro apresenta um avanço com relação à linguagem mesmo sendo ainda anterior ao PNLD.

Apesar disto, também pode-se perceber pelas ilustrações utilizadas que as mulheres ainda são representadas nas cenas que retratam a família, realizando afazeres domésticos e que a tradicional ilustração de família nuclear continua presente.



EDITORA FTD SA

7

5.4.2 – LIVROS POSTERIORES AO PNLD

Nos livros posteriores ao PNLD que foram analisados, é possível perceber que houve significativos avanços na apresentação das comunidades familiares, tanto com relação à linguagem utilizada nos textos didáticos, quanto com relação às ilustrações, como se pode observar nas fotos, reproduzidas abaixo: (Pensar e Construir História, 1ª série, pág. 72)



Ao observar o texto que é utilizado, bem como as ilustrações, pode-se perceber que houve uma significativa melhora na apresentação das comunidades familiares atuais em relação aos livros pré-PNLD, pois neste livro, os autores explicam através do texto utilizado (reforçado pelas ilustrações com fotos de famílias reais) que nos dias de hoje, os filhos podem viver somente com a mãe, somente com o pai, com os avós ou ainda, morando sozinho, nas ruas, rompendo com o modelo de família nuclear exhaustivamente exibido nos livros anteriores ao PNLD para representar as comunidades familiares.

Em um outro capítulo do livro, encontra-se um texto, onde é contada um pouco da história de Tico, um menino que vive na rua, longe da família e que está doente com catapora. É interessante observar a personagem Arlete, que de acordo com o texto, é uma enfermeira e encontrando Tico doente, demonstra preocupação com ele, como se pode constatar em algumas falas presentes no texto:

“Tico: “ _ Quem é a senhora?”

Arlete: “ – Meu nome é Arlete. Eu sou enfermeira. E tu estás ardendo em febre. Isso aí, guri, é catapora. É preciso se alimentar direito e descansar.”

Pode-se destacar neste texto, o fato de Arlete ser enfermeira (uma profissão geralmente atribuída ao gênero feminino) e também a questão do cuidado, igualmente associada às mulheres. Neste aspecto, do cuidado e dos sentimentos, os livros posteriores ao PNLD pouco evoluíram, é possível perceber através de textos como este, que os sentimentos de cuidado e carinho, ainda estão fortemente vinculados ao gênero feminino. Este assunto ainda será retomado em outros momentos deste trabalho.

5.4.3 – ANÁLISE INICIAL

Com relação à representação da mulher nas comunidades familiares apresentadas pelos livros didáticos, pode-se notar facilmente as mudanças positivas que ocorreram nos livros posteriores ao PNLD.

Tais mudanças faziam-se necessárias para que os livros didáticos, de História principalmente, acompanhassem as mudanças que vêm ocorrendo nas relações familiares nas últimas décadas.

Considerando o cenário familiar atual, onde muitas mulheres trabalham para sustentarem sozinhas suas casas e filhos, torna-se cada vez mais impraticável para as autoras e autores de livros didáticos sustentarem os modelos de famílias nucleares apresentados nos livros didáticos anteriores ao PNLD.

Portanto, nos livros didáticos atuais, é possível encontrar tanto nos textos quanto nas ilustrações, famílias formadas por pai, mãe e filhos (como nos livros anteriores ao PNLD), por pai e filhos, mãe e filhos, avós e netos e até mesmo crianças sem casa para morar e sem família, que são retratadas nos livros didáticos como crianças que vivem na rua, o que representa um avanço ainda maior.

Há que se observar também o fato de que mesmo nos livros posteriores ao PNLD, a imagem da mulher ainda continua fortemente vinculada à esfera privada, ao ambiente doméstico, à questão do cuidado.

Do mesmo modo que aspectos relacionados à vida pública ainda continuam fortemente vinculados à imagem do homem.

Portanto, espera-se que os livros didáticos continuem evoluindo neste sentido.

5.5 – TRABALHO DE HOMEM X FUNÇÃO DE MULHER – ANÁLISE DAS PROFISSÕES REPRESENTADAS POR HOMENS E MULHERES NOS LIVROS DIDÁTICOS

Nesta seção, serão analisadas as representações de mulheres e homens com relação ao conteúdo de ensino que trata das profissões e das relações de trabalho.

O título escolhido para esta seção “Trabalho de homem x função de mulher” justifica-se pelo fato de que as profissões representadas por mulheres nos livros didáticos, estão mais associadas a um caráter de função atribuída pela sociedade, do que a um caráter de trabalho, associado à idéia de atividade remunerada e à esfera pública, que conforme já fora abordado no primeiro capítulo desta pesquisa, é mais aplicado aos homens.

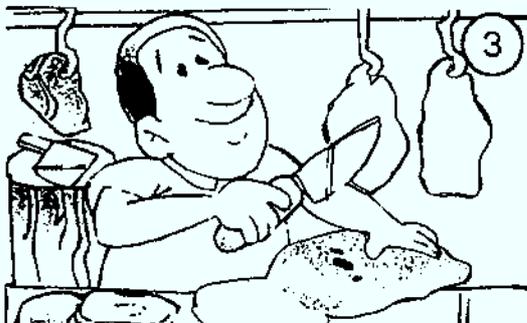
Nesta categoria de análise, primeiramente serão apresentadas as ilustrações de profissões encontradas nos vinte livros didáticos anteriores e posteriores ao PNLD, agrupadas por tipos de profissões, indicando quantas ilustrações da mesma profissão foram encontradas e separadas por gênero masculino e feminino.

Em seguida, na análise inicial, serão apresentadas as minhas observações dos livros dos didáticos anteriores e posteriores ao PNLD analisados.

5.5.1 – LIVROS ANTERIORES AO PNLD

Profissões ilustradas por figuras masculinas encontradas:

Açougueiro = 1 vez



Advogado = 1 vez



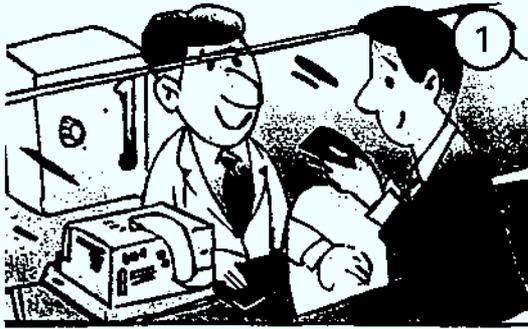
Advogado

Astronauta = 1 vez



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

Bancário = 1 vez



Boiadeiro = 1 vez



Bombeiro = 2 vezes





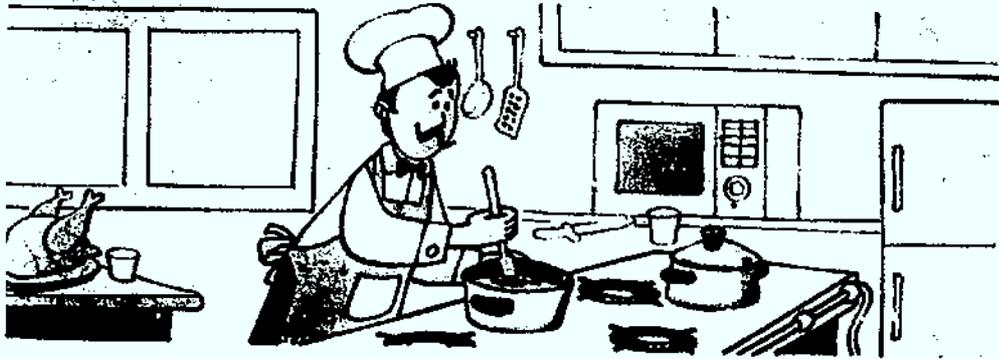
Cantor = 1 vez



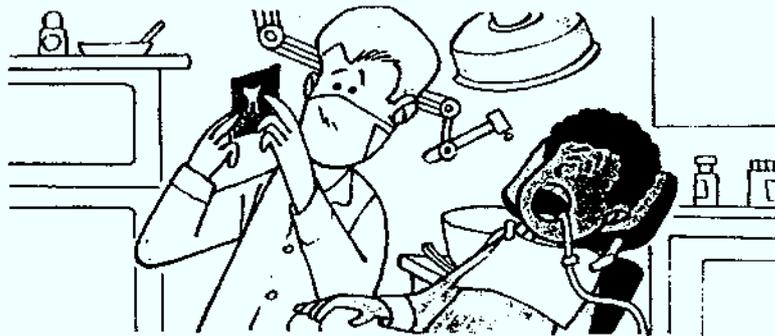
Carteiro = 1 vez

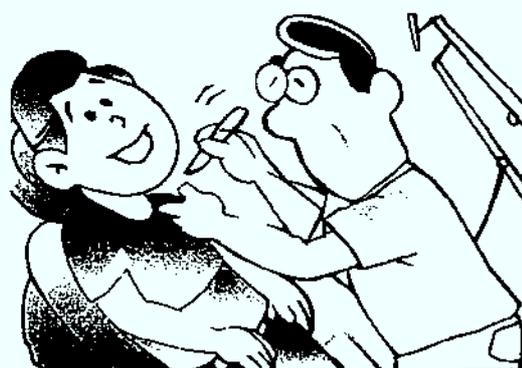


Cozinheiro = 1 vez

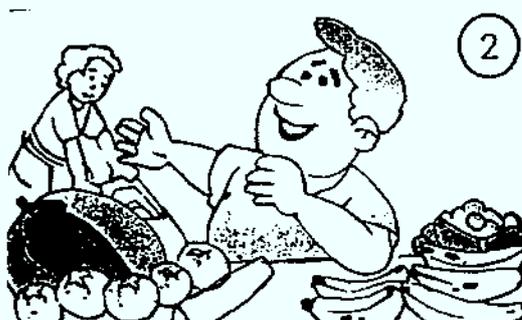


Dentista = 4 vezes





Feirante = 1 vez



Gari = 2 vezes





Guarda de trânsito = 1 vez



guarda de trânsito

Jardineiro = 1 vez



Jogador de futebol = 1 vez



Jornaleiro = 1 vez



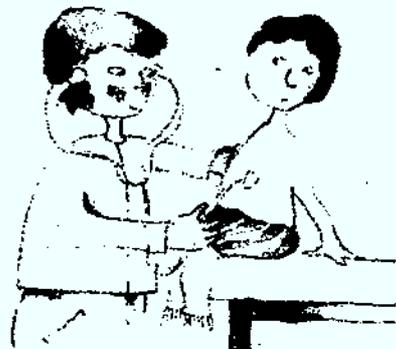
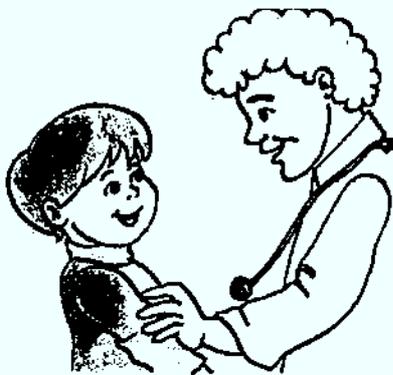
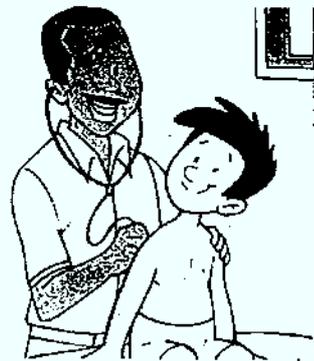
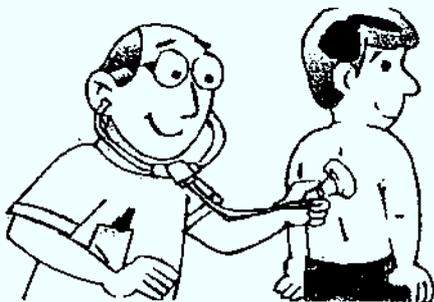
Lavrador = 2 vezes



Mecânico = 1 vez



Médico = 4 vezes

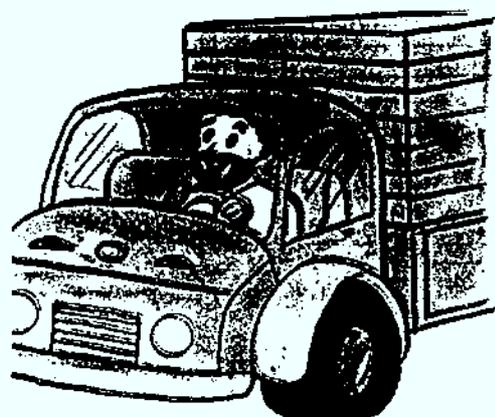
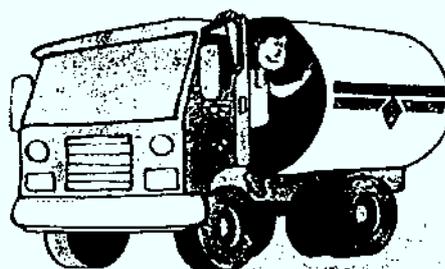
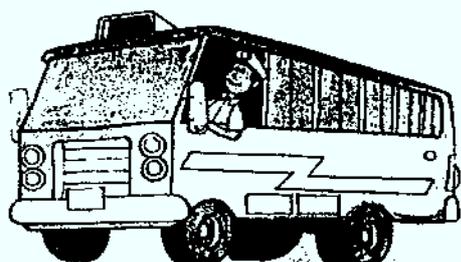


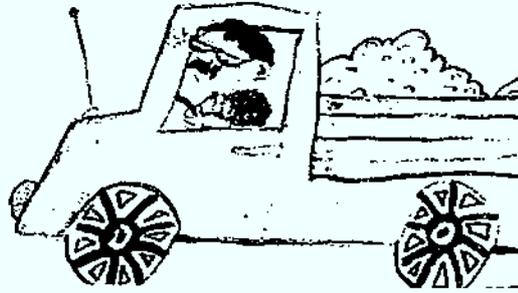
Militar = 1 vez



Militar

Motorista = 5 vezes

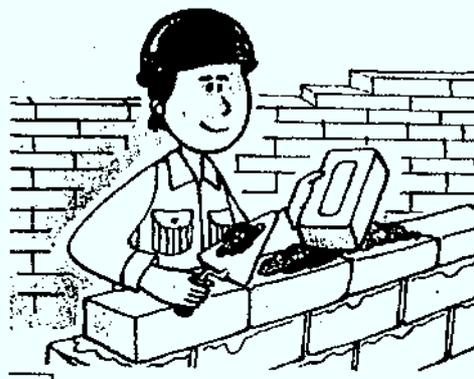


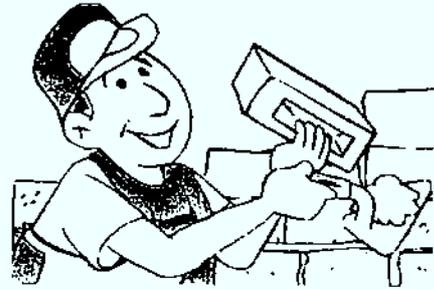
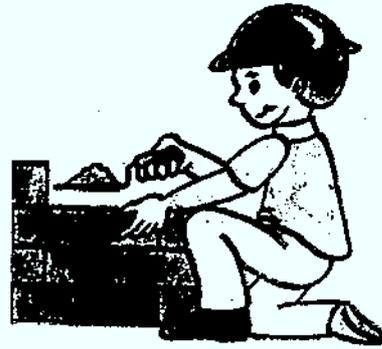
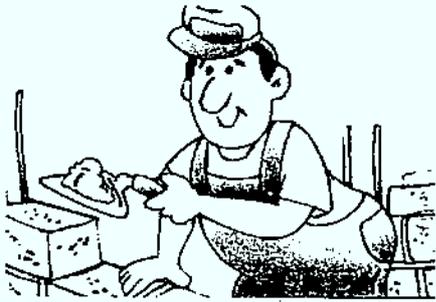


Padre = 1 vez

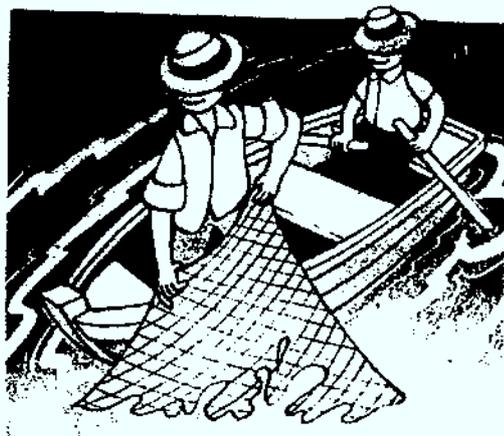


Pedreiro = 6 vezes

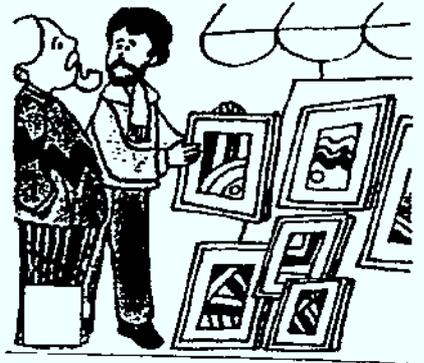




Pescador = 1 vez



Pintor = 1 vez



As figuras femininas aparecem ilustrando as profissões em um número muito inferior às figuras masculinas, conforme apresentado abaixo:

Arrumadeira = 1 vez



Arrumadeira

Balconista = 1 vez



Costureira = 1 vez

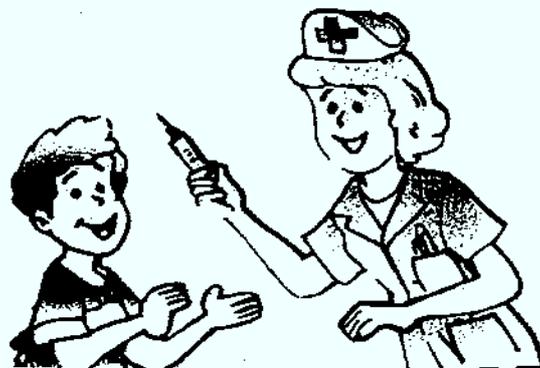
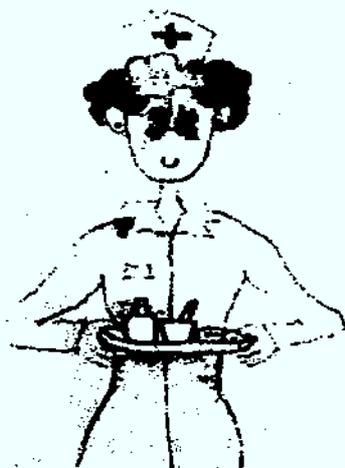


Cozinheira = 3 vezes

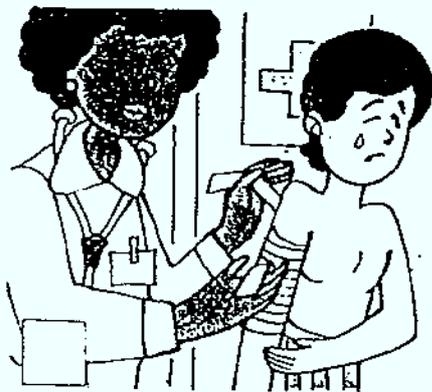




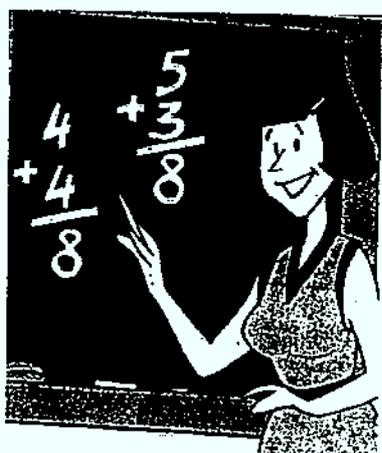
Enfermeira = 3 vezes



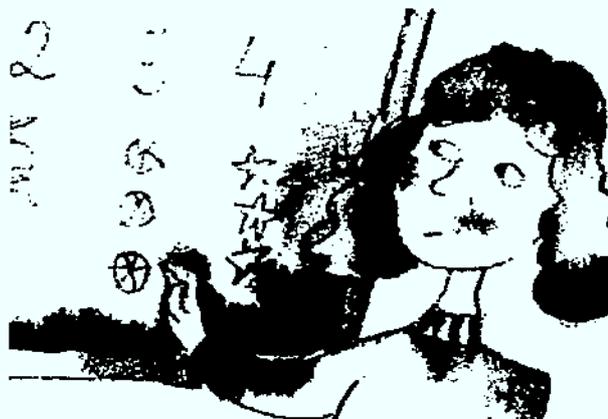
Médica = 1 vez

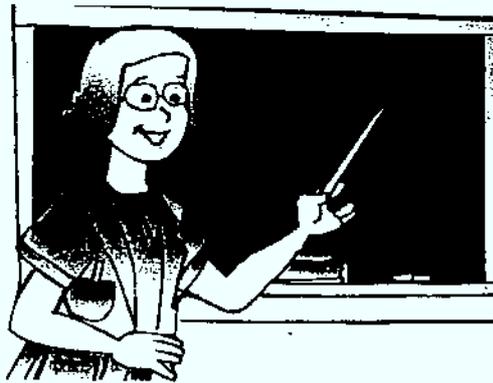


Professora = 5 vezes

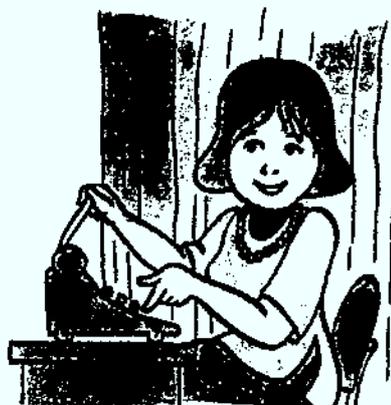


Professora



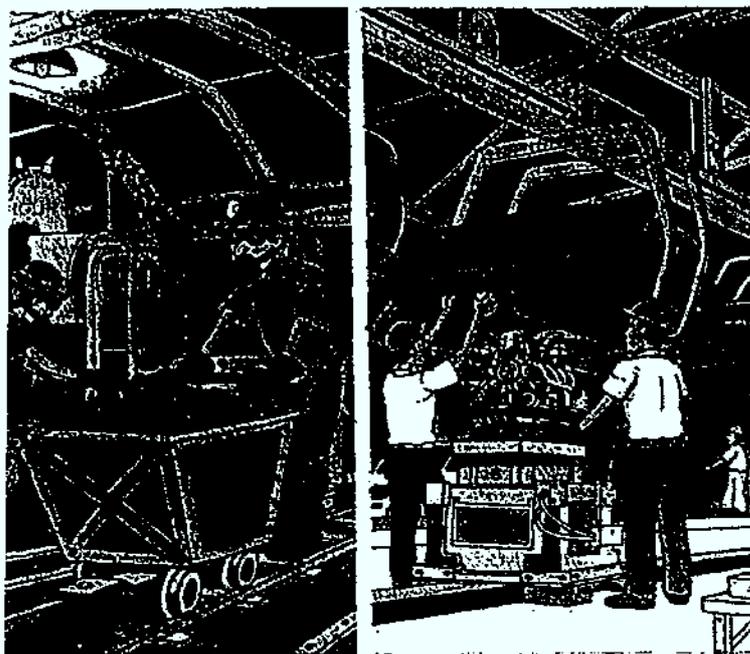


Secretária = 1 vez



Em um dos livros analisados (Coleção Desafio, 3ª série, pág.58), no capítulo sobre A indústria, o comércio, e os serviços, pode-se observar também que todas as figuras utilizadas nas ilustrações destes capítulos são masculinas, excetuando-se apenas a figura de uma mulher que aparece saindo de uma padaria.

Indústria



Comércio



Serviços



5.5.2 – LIVROS POSTERIORES AO PNLD

Nos livros posteriores ao PNLD analisados, foram encontradas as seguintes profissões, representadas por figuras masculinas:

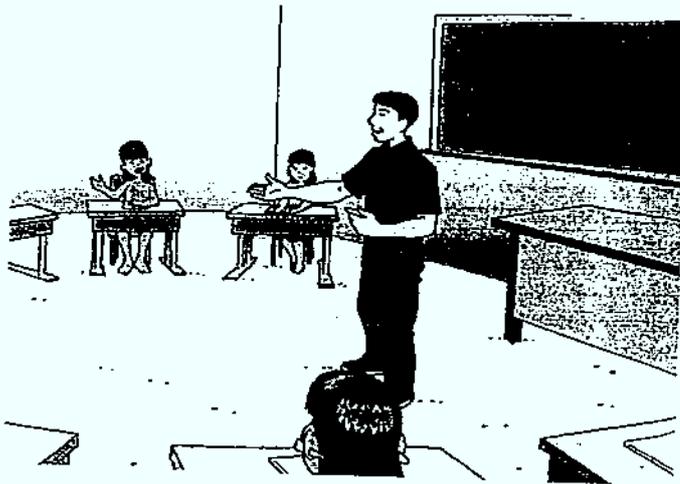
Auxiliar de escritório = 1 vez

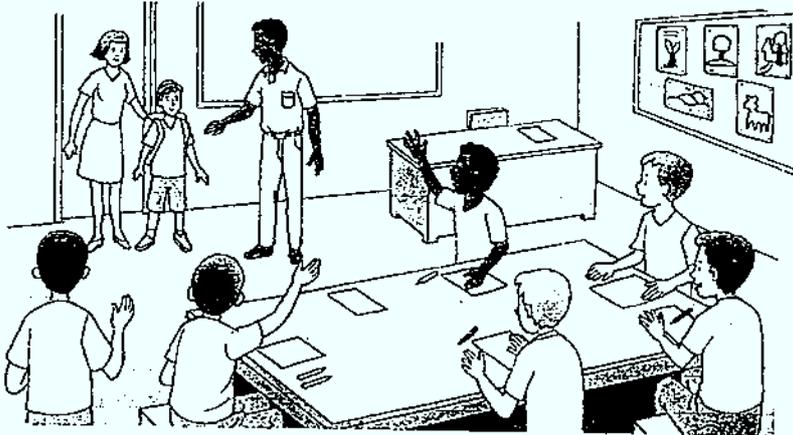


Contador = 1 vez

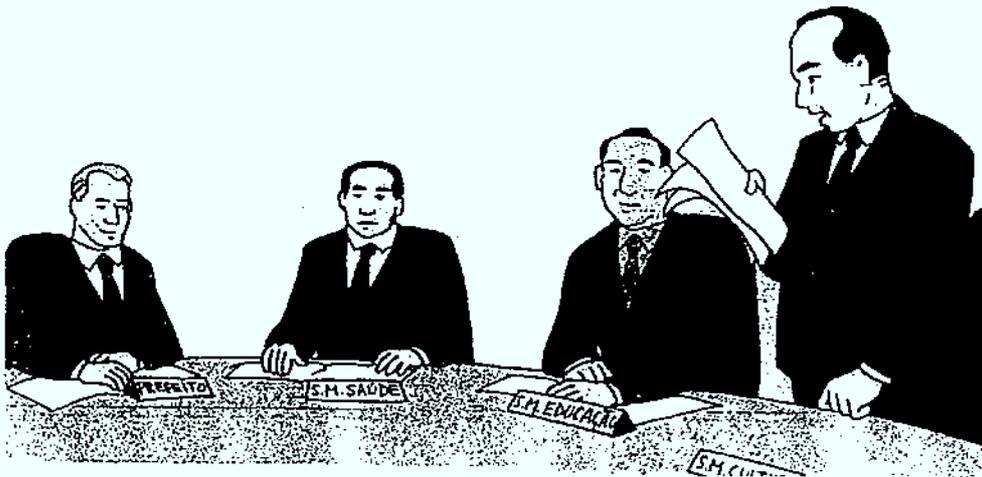


Professor = 3 vezes



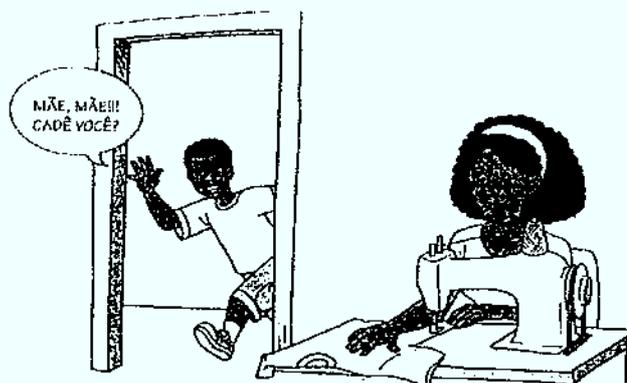


Secretários Públicos (cargos de autoridade) = 4 vezes



Representadas por figuras femininas, foram encontradas as seguintes profissões:

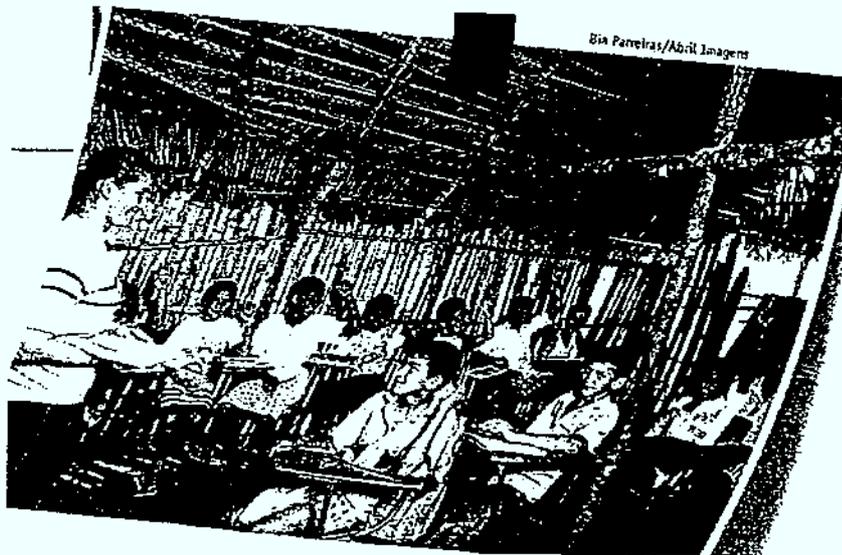
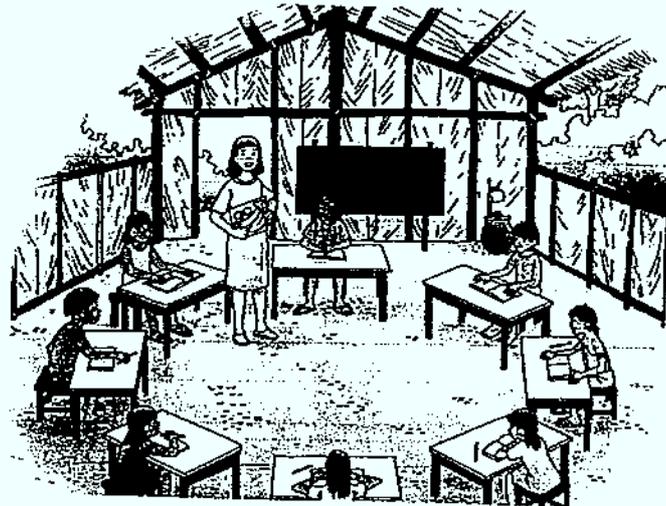
Costureira = 2 vezes

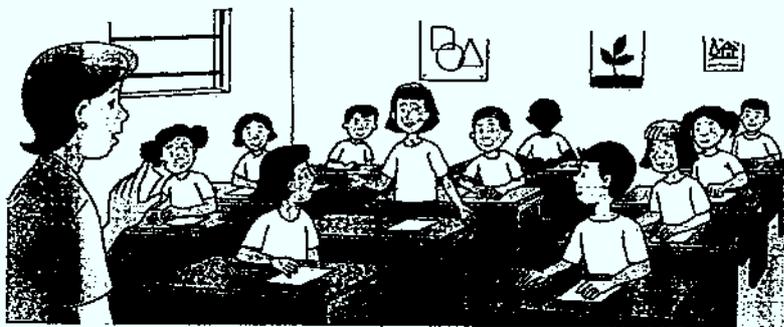
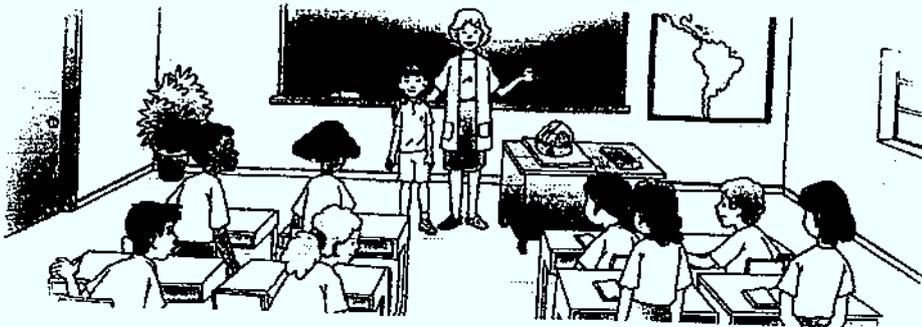


Enfermeira = 1 vez



Professora = 7 vezes





5.5.3 – ANÁLISE INICIAL

A discriminação do gênero feminino nos conteúdos dos livros didáticos anteriores ao PNLD é bastante acentuada com relação às profissões. Pelas ilustrações analisadas, pode-se perceber que o gênero masculino, além de ser superior ao feminino no número de vezes em que aparecem nos livros (são quarenta e cinco figuras masculinas que aparecem ilustrando as profissões, contra dezessete figuras femininas) também é superior em relação aos tipos de profissões que ilustram (são vinte e seis tipos de profissões diferentes, enquanto as mulheres ilustram apenas nove tipos).

Nas profissões consideradas de prestígio, como médico, dentista e advogado, o gênero masculino também é mais valorizado, pois as figuras masculinas aparecem ilustrando este tipo de profissão nove vezes, enquanto as figuras femininas aparecem apenas uma vez.

Com relação aos livros didáticos posteriores ao PNLD, observando os dados apresentados na pesquisa, pode-se perceber o quanto o perfil do livro didático mudou, em relação aos anteriores ao PNLD.

Os capítulos referentes às profissões apresentam um número bem menor de ilustrações, tanto de figuras masculinas, quanto de figuras femininas. As figuras masculinas aparecem nove vezes, ilustrando quatro tipos diferentes de profissões. As figuras femininas aparecem dez vezes (superando por uma diferença mínima as figuras masculinas), ilustrando três tipos de profissões diferentes.

O que se pode observar portanto, é que nos livros didáticos analisados posteriores ao PNLD, o número de profissões apresentadas é bem menor do que nos livros anteriores ao PNLD. As diferenças quantitativas entre os gêneros também diminuíram significativamente, porém, pode-se notar que com relação os tipos de profissão apresentadas, houve poucas mudanças.

Atualmente, as mulheres têm as mais diversas profissões, inclusive algumas que antes eram exercidas apenas por homens como por exemplo, mecânica e carteira. Apesar disto, as profissões representadas por mulheres nos livros didáticos atuais são as de professora, enfermeira e cozinheira, profissões consideradas em nossa sociedade como sendo apropriadas para o sexo feminino.

É interessante observar as profissões de cozinheira e de cozinheiro do ponto de vista das relações de gênero na sociedade, pois a imagem de uma mulher cozinhando é normalmente associada a uma atividade doméstica, natural de ela estar exercendo. Enquanto a imagem de um homem cozinhando, normalmente é associada a uma atividade não natural, mas profissional, remunerada e até de um certo prestígio, como no caso dos mestres cuscas e dos grandes chefes.

Um homem quando cozinha é elogiado e uma mulher quando não cozinha é criticada por não estar cumprindo a sua função. Fica clara, portanto, a divisão de papéis de acordo com o sexo. Ficando claro também, que neste sentido, os livros posteriores ao PNLD pouco evoluíram. Os livros didáticos terão realmente evoluído, quando a figura do homem cozinhando deixar de ser apresentada apenas como uma atividade profissional, mas começar a ser apresentada como uma atividade doméstica desempenhada por ele de uma maneira tão natural quanto é desempenhada pela mulher e pelo que pude constatar através dos dados coletados nesta pesquisa, os livros didáticos atuais ainda tem muito o que melhorar neste sentido.

É importante também, observar a profissão de professora, onde nos livros atuais as mulheres são ilustradas sete vezes exercendo esta profissão, um número até maior que o encontrado nos livros anteriores ao PNLD.

A presença feminina quase absoluta nos textos e ilustrações que representam de docência das séries iniciais, retratada nos livros didático anteriores e posteriores ao PNLD, conforme os dados apresentados neste capítulo, pode ser melhor compreendida através da observação dos estudos que Marília P. de Carvalho apresenta em seu livro “No coração da sala de aula”, onde falará sobre gênero e trabalho docente nas séries iniciais do ensino fundamental.

Entre outras teorias, Carvalho fala sobre a femininização da docência, que segundo ela, pode ser compreendida não apenas como crescimento numérico das mulheres empregadas como professora, mas também como estabelecimento de características de gênero feminino (pág.71)

Segundo Carvalho:

“Quanto mais a escola primária é pensada como instância formadora de caracteres e vontades, em que a transmissão de saberes se subordina a um desenvolvimento harmonioso de personalidades integrais, através de uma disciplina obtida pela persuasão e o amor, mais do que pela razão e a autoridade; quanto mais o trabalho docente com as crianças é idealizado como não intelectual, enfatizando suas dimensões relacional e afetiva, mais se aproximam as imagens da escola primária e seu trabalho docente das características tidas como femininas”.(pág. 71)

De acordo com o modelo do “cuidar” que, segundo Carvalho significa, “amar”, a mãe que não cuida, corre o risco de ser vista como desnaturada, por não amar.

Assim como o amor da mãe é percebido como natural, o amor do pai é percebido como social e culturalmente construído. Desse modo, estando tais prescrições articuladas ao modelo de família nuclear, com a divisão sexual de papéis, a mulher teria o “cuidado” com os filhos como o centro de sua vida, ainda que exercesse uma atividade remunerada.

Observando tais idealizações persistem nas sociedades ocidentais atuais, pode-se compreender melhor as razões da vinculação da mulher à profissão de professora continuar fortemente presente nos livros didáticos posteriores ao PNLD.

5.6 – ILUSTRAÇÕES: E AS MENINAS? - ANÁLISE DA PRESENÇA FEMININA NAS ILUSTRAÇÕES DOS LIVROS DIDÁTICOS

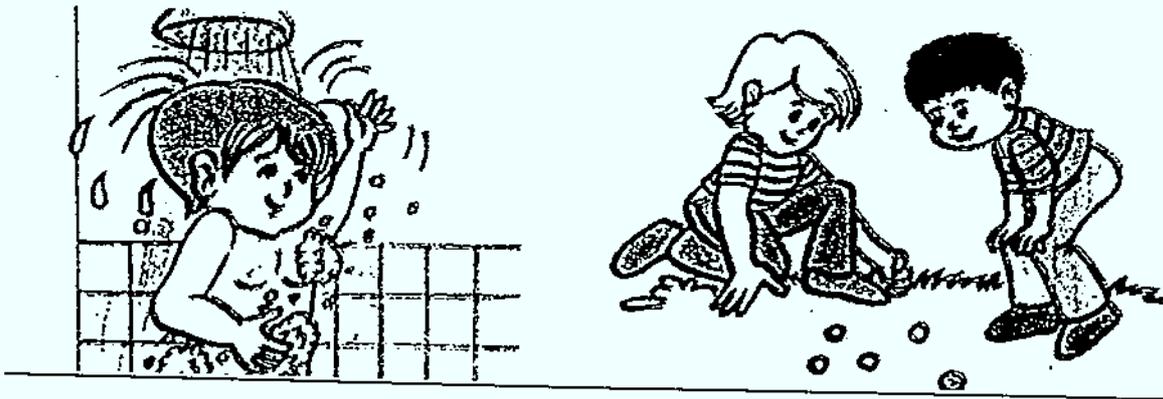
Nesta seção será abordada a questão da discriminação do gênero feminino e da valorização do gênero masculino nas ilustrações dos livros didáticos anteriores e posteriores ao PNLD.

5.6.1 – LIVROS ANTERIORES AO PNLD

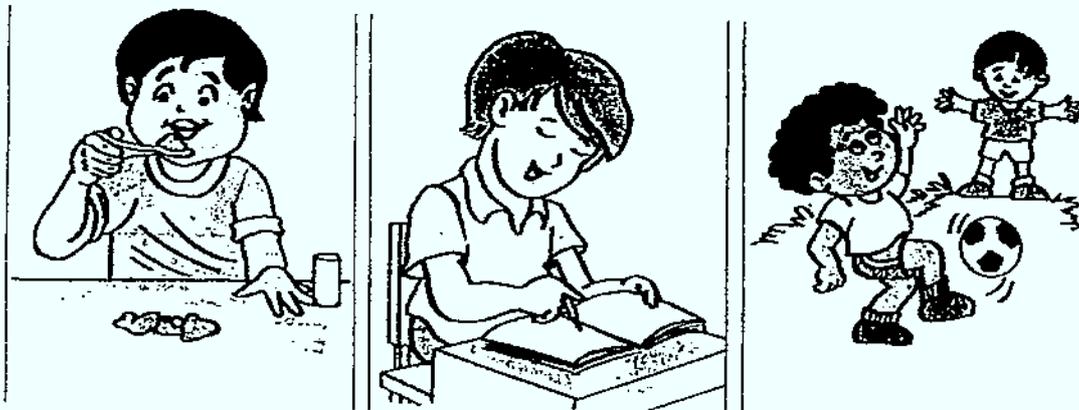
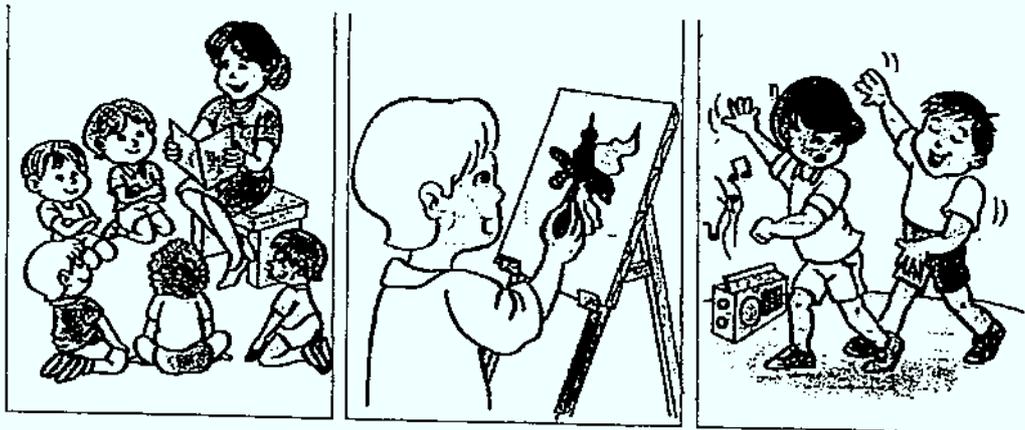
Nos livros didáticos anteriores ao PNLD, pode-se notar uma valorização declarada do sexo masculino, principalmente no que diz respeito à preferência dada pela utilização de figuras do sexo masculino nas ilustrações. Em vários capítulos dos vários livros analisados, pode-se encontrar ilustrações onde aparecem exclusivamente figuras masculinas.

Em um dos livros analisados (*As letrinhas fazem a festa*, 2ª série, pág.7), há um capítulo intitulado: *A criança e a escola*. Neste capítulo, é proposta uma atividade onde aparecem várias crianças, cada uma realizando uma atividade. Todas estas crianças são meninos, como comprovam as ilustrações das mesmas.

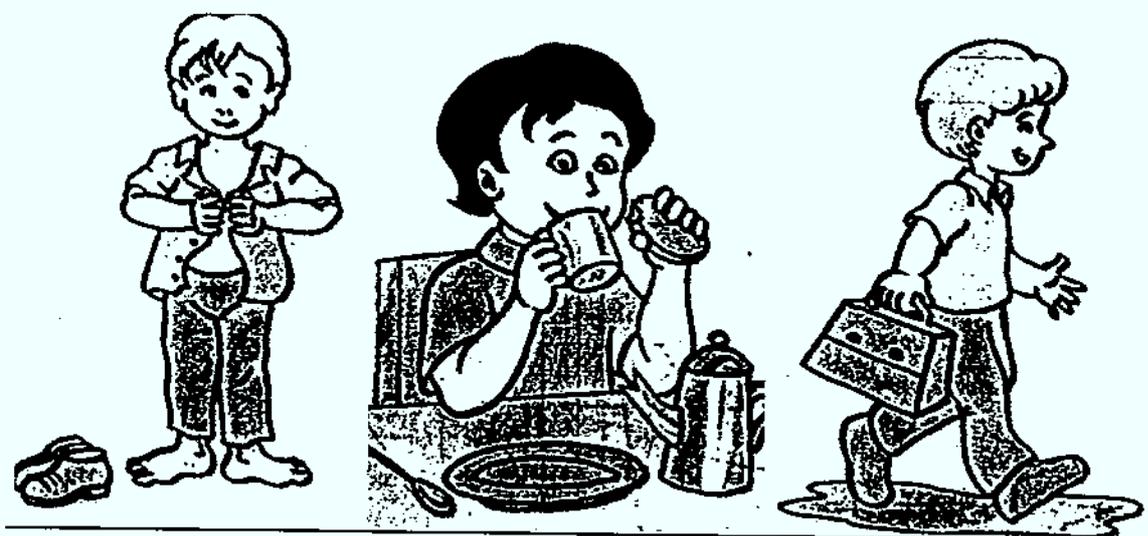
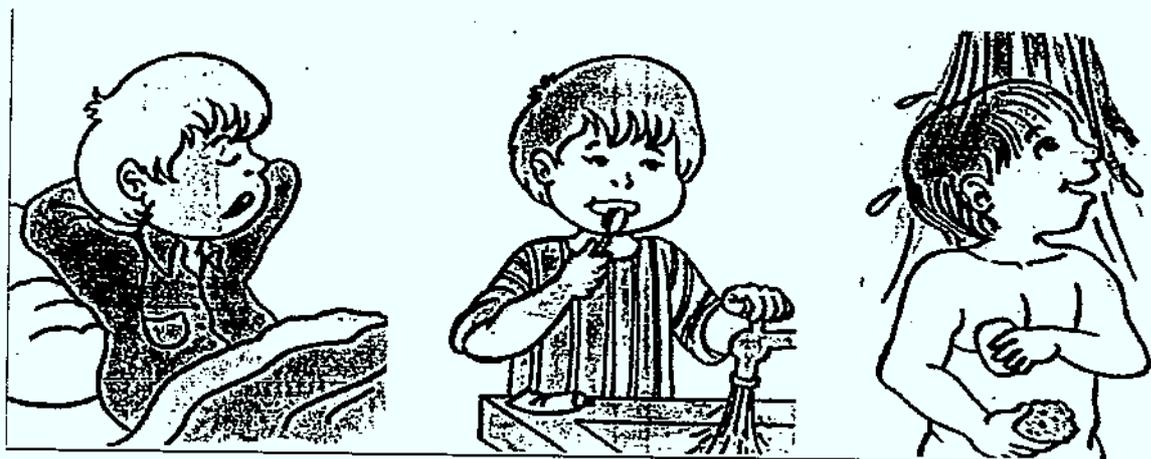




No mesmo livro analisado (pág.11) é proposta uma atividade onde os alunos têm que marcar com uma cruz, o que os meninos estão fazendo na escola. A única figura feminina que aparece nesta atividade, é a da professora contando estória para seus alunos meninos.

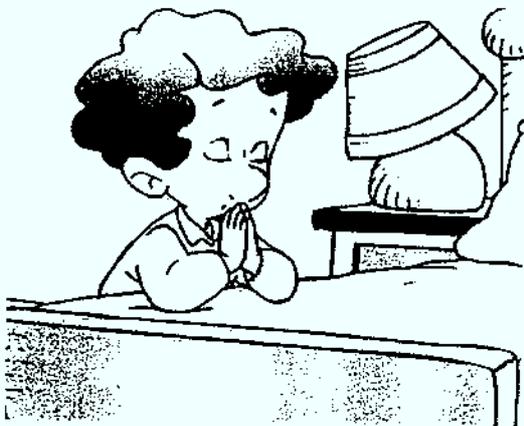
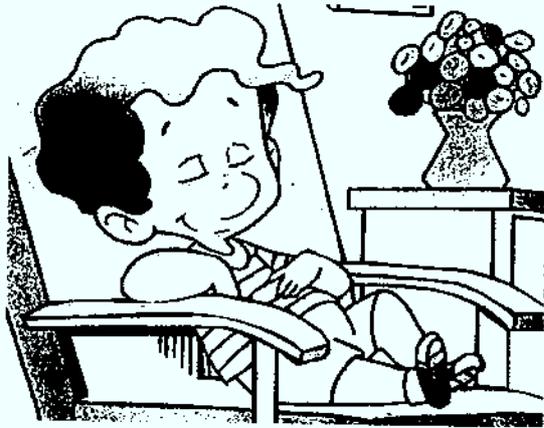


Em outra atividade ainda, pode-se observar o mesmo tipo de discriminação, todas as figuras que ilustram a atividade são do sexo masculino.



Em outro livro, (Novo Eu gosto de Estudos Sociais, PASSOS, Célia, SILVA, Zeneide, 1990, 1ª série, p.24 - 25) encontra-se um capítulo que também trata do dia-a-dia de uma criança e as figuras utilizadas para ilustrar o texto didático também são todas do sexo masculino.



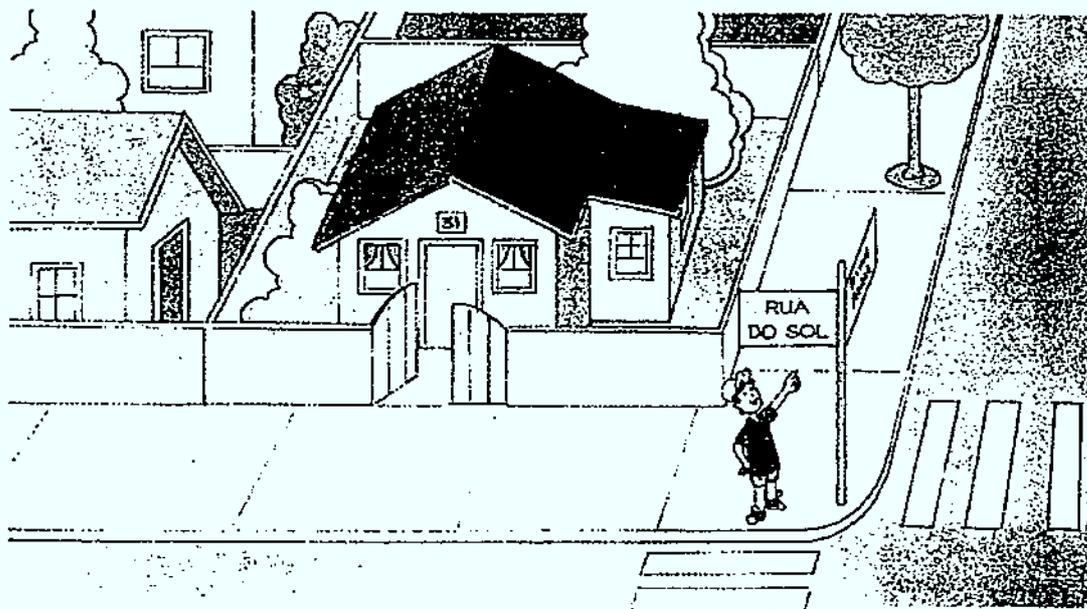


Em outro capítulo, pertencente a outro livro analisado (Viva Vida, 3ª série, p 14.), onde se estudam as direções, a ilustração utilizada também é a de um menino.

Esta é a minha casa.



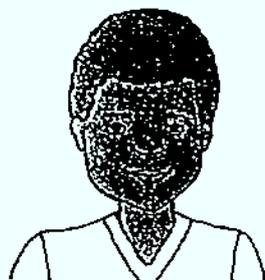
Minha casa fica nesta rua.



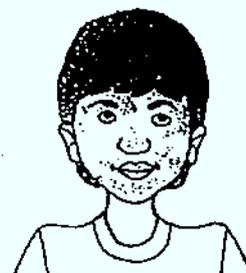
Em outro capítulo, estuda-se os povos brasileiros e as misturas de suas raças: mameluco, mulato, cafuzo. Nota-se que as ilustrações utilizadas são todas de meninos.



MAMELUCO
(branco com indígena)



MULATO
(branco com africano)



CAFUZO
(africano com indígena)

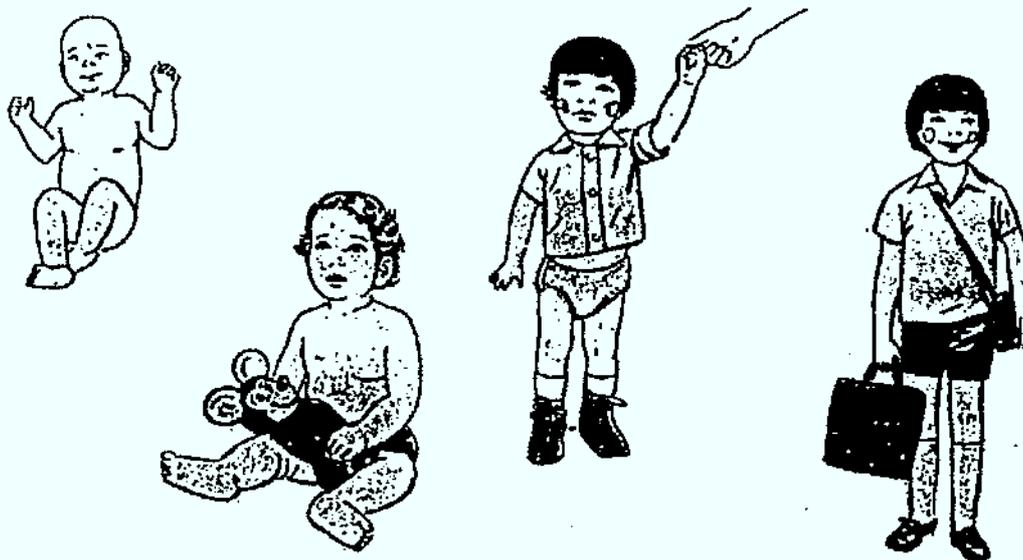
No livro anterior ao PNLD mais antigo que foi analisado (1977), pode-se notar outro traço aparente de discriminação.

É característica de alguns livros didáticos da década de 70, a criação de um ou mais personagens para acompanhar o aluno ao longo dos capítulos.

Neste livro, como na maioria, o personagem criado é do sexo masculino, o garoto Fábio.



Neste mesmo livro, no capítulo que aborda a linha do tempo, verifica-se que as ilustrações da linha do tempo apresentada no livro, também é utilizada a figura masculina.

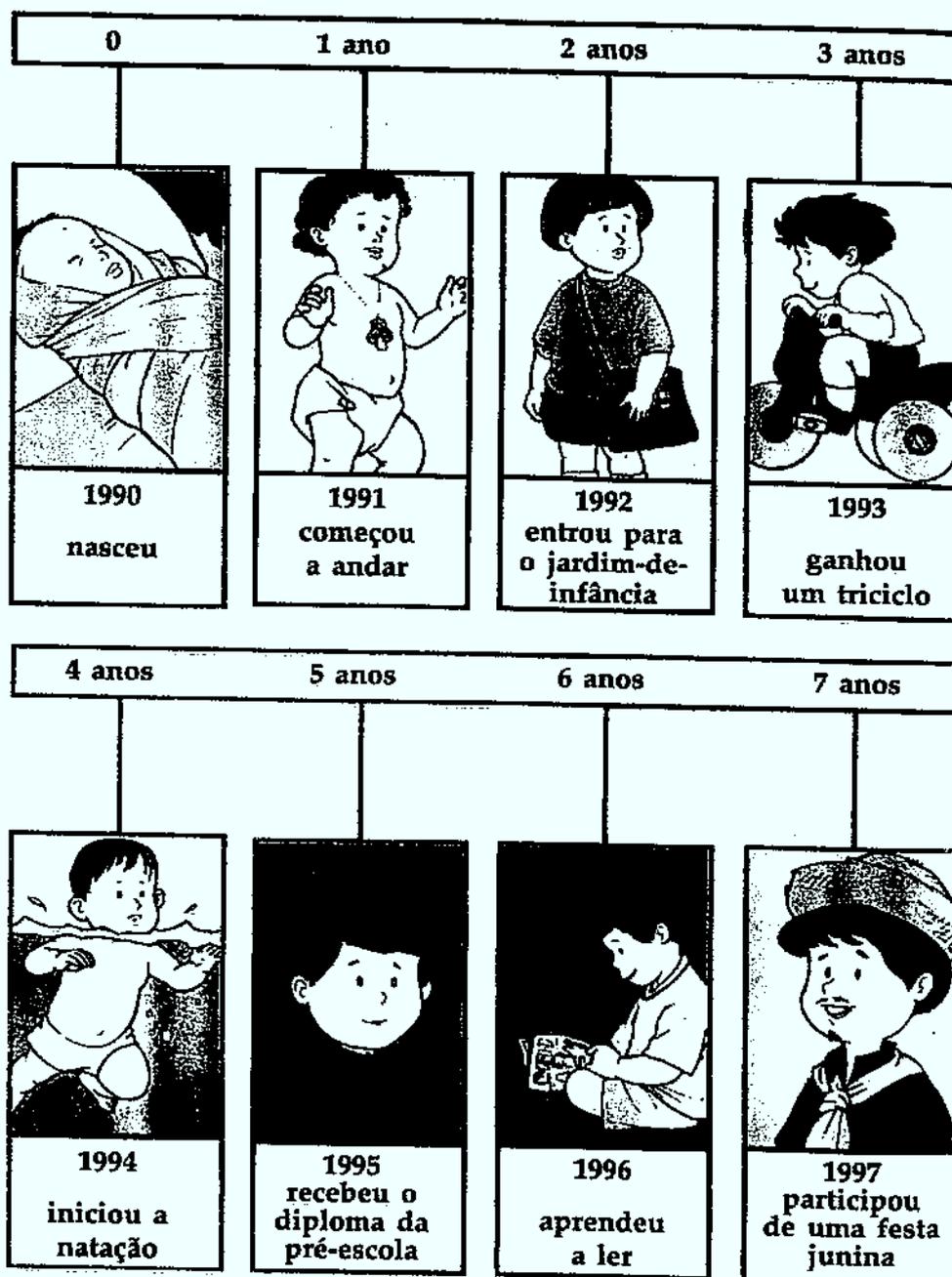


Um outro exemplo da preferência pelo uso de figuras masculinas nas ilustrações encontra-se na página 92 do livro Caminhando(3ª série), onde são propostas algumas atividades. Em uma delas, três crianças são ilustradas, sendo que duas são meninos e apenas uma é menina.

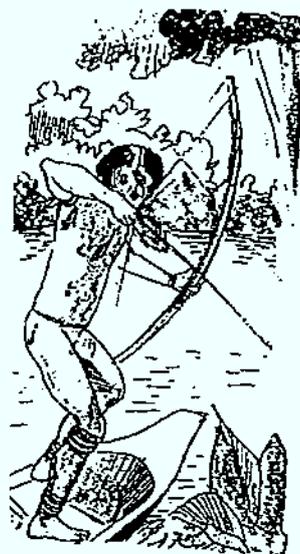
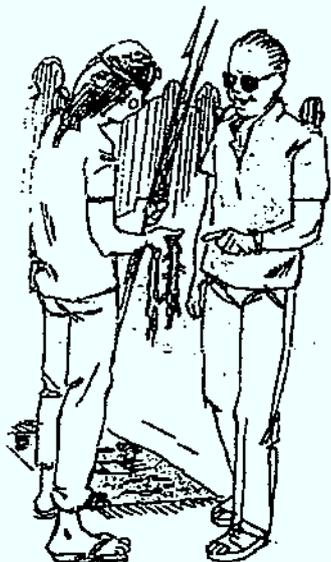
3. Eles esqueceram as datas:



Em outro livro (Novo eu gosto de Estudos Sociais, 1ª série, pág.16) também é possível observar a preferência da utilização de figuras do sexo masculino nas ilustrações, pois na página 16 deste livro, é apresentada uma linha do tempo, onde a criança que a ilustra é do sexo masculino.



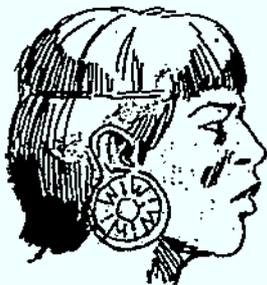
Em um outro livro (Caminhando, 3ª série págs. 47-52.) há um capítulo onde se estuda a importância dos indígenas. Este capítulo compreende seis páginas e em todas elas, as ilustrações são feitas com figuras exclusivamente masculinas. A linguagem utilizada neste capítulo também é discriminatória, a palavra “índios” é sempre escrita no masculino. Abaixo, as ilustrações encontradas no capítulo.



Os índios são coisa do passado?



Índio da nação Terena



**Elas repartiam igualmente o
fruto do seu trabalho**

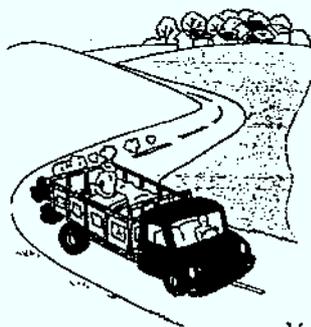
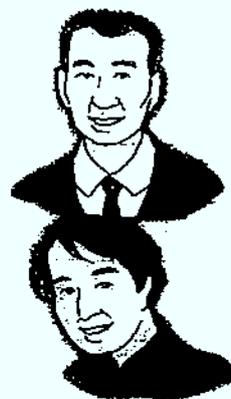
5.6.2- LIVROS POSTERIORES AO PNLD

Em um dos capítulos de um dos livros analisados (Pensar e Construir Geografia 3ª série, pág.16-17), são tratados assuntos como a migração e o êxodo rural. Pode-se observar que os autores utilizam a letra de uma canção que é voltada totalmente ao sexo masculino. A discriminação de gênero que é transmitida pela linguagem utilizada ainda é reforçada pelas ilustrações.



Paratodos

O meu pai era paulista
Meu avô, pernambucano
O meu bisavô, mineiro
Meu tataravô, baiano
Meu maestro soberano
Foi Antônio Brasileiro



Foi Antônio Brasileiro
Quem soprou essa toada
Que cobri de redondilhas
Pra seguir minha jornada
Com a vista enevoada
Ver o inferno e maravilhas

(...)

O meu pai era paulista
Meu avô, pernambucano
O meu bisavô, mineiro
Meu tataravô, baiano
Vou na estrada há muitos anos
Sou um artista brasileiro

(...)



No mesmo livro analisado (pág.10), é apresentado aos alunos e alunas um poema de Pedro Bandeira, para complementar o capítulo que trata da origem dos nomes. Pode-se observar que o poema utilizado privilegia totalmente o masculino, tanto na linguagem quanto nas ilustrações, como pode ser observado na ilustração reproduzida abaixo.

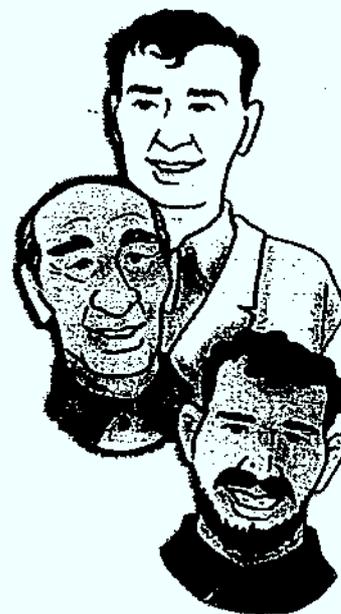


Eu não gosto do meu nome,
não fui eu quem escolheu.
Eu não sei por que se metem
com um nome que é só meu!

O nenê que vai nascer
vai chamar como o padrinho,
vai chamar como o vovô,
mas ninguém vai perguntar
o que pensa o coitadinho.

Foi meu pai quem decidiu
que meu nome fosse aquele.
Isso só seria justo
se eu escolhesse o nome dele.

Quando eu tiver um filho,
não vou pôr nome nenhum.
Quando ele for bem grande,
ele que procure um!



Cavalgando o arco-íris. Pedro Bandeira. São Paulo: Moderna.

5.6.3 – ANÁLISE INICIAL

Com relação à discriminação do sexo feminino nas ilustrações dos livros didáticos tratadas neste capítulo, pode-se observar através das ilustrações apresentadas que os livros posteriores ao PNLD pouco evoluíram neste sentido.

No capítulo 5, item 5.1 desta pesquisa que nos livros posteriores ao PNLD a quantidade de figuras masculinas nas ilustrações já não é tão superior às femininas; ainda é possível perceber como nos livros posteriores ao PNLD, as figuras masculinas ainda ganham maior destaque que as femininas nos capítulos dos livros.

O que é mais ainda preocupante em se tratando de imagens, pois as imagens podem funcionar como um eficaz mecanismo de transmissão do pensamento androcêntrico, em virtude de poder estabelecer uma conexão direta com o pensamento, através do impacto visual.

Montserrat Moreno explica que nas idades mais tenras, a interpretação das imagens prevalece sobre a leitura da palavra escrita, uma vez para os jovens é mais fácil assimilar a linguagem visual.

Sobre a superioridade das figuras masculinas nas ilustrações dos livros didáticos, Moreno nos o seguinte:

“Na imensa e esmagadora maioria das imagens que aparecem personagens, estes são do sexo masculino. Uma insignificante porcentagem das ilustrações representa indivíduos do sexo feminino (meninas, mulheres adultas, animais humanizados etc.), os quais estão ocupados ou expressam atitudes que se atribuem à mulher.” (Pág. 42)

Desse modo, o valor e a preponderância da imagem podem ser bem aproveitadas pelo sexismo visceral de autoras e autores de livros infantis, na transmissão de ideologias sexistas, ainda que inconscientemente.

Uma vez que os dados apresentados revelaram que o sexo masculino ainda aparece em posição de visível superioridade em relação ao sexo feminino nas ilustrações dos livros didáticos atuais, tendo apresentado pouco avanço nesta característica de análise,

É possível percebermos que neste sentido, portanto, os livros didáticos ainda tem um longo caminho a percorrer na busca pela apresentação de conteúdos de ensino verdadeiramente não discriminatórios e não sexistas.

5.7 – COISA DE MENINA, COISA DE MENINO – ANÁLISE DAS CARACTERÍSTICAS E COMPORTAMENTOS ATRIBUÍDOS A MENINAS E MENINOS NOS LIVROS DIDÁTICOS

Nesta seção serão apresentadas algumas características e comportamentos representados por meninas e meninos nos livros anteriores e posteriores ao PNLD. Primeiramente serão apresentadas apenas as ilustrações numeradas, dos livros anteriores e dos livros posteriores ao PNLD. Na análise inicial, serão apresentadas então, as observações relativas a cada uma das ilustrações numeradas.

5.7.1 – LIVROS ANTERIORES AO PNLD

Ilustração 1: Travessura é coisa de menino! (Coleção Desafio, 1ª série, pág.11)



Fonte: Eva Furnari. "O chute" (com alterações). *Esconde-esconde*, Atica.

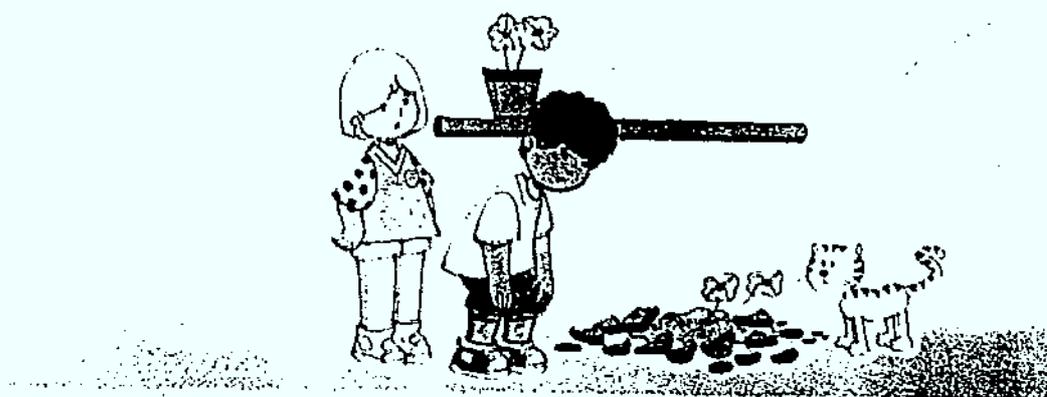


Ilustração 2: A menina estudiosa e comportada (Viva Vida, 2ª série pág. 35)



Ilustração 3: Menino representando a estação do verão (Passeio pelo Mundo 4ª série, pág. 21)



Ilustração 4: Menino representando a estação do verão (Novo eu gosto de Estudos Sociais, 1ª série, pág.87)

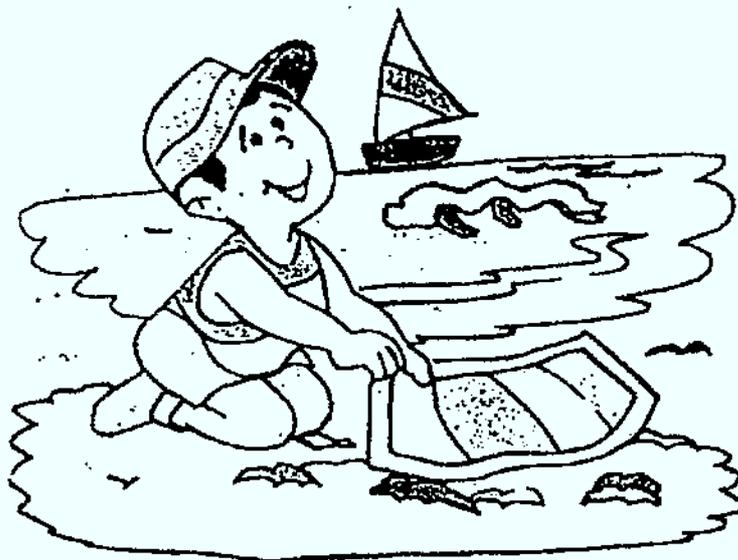


Ilustração 5: Menino representando a estação do verão (Novo eu gosto de Estudos Sociais, 1ª série, pág.85)

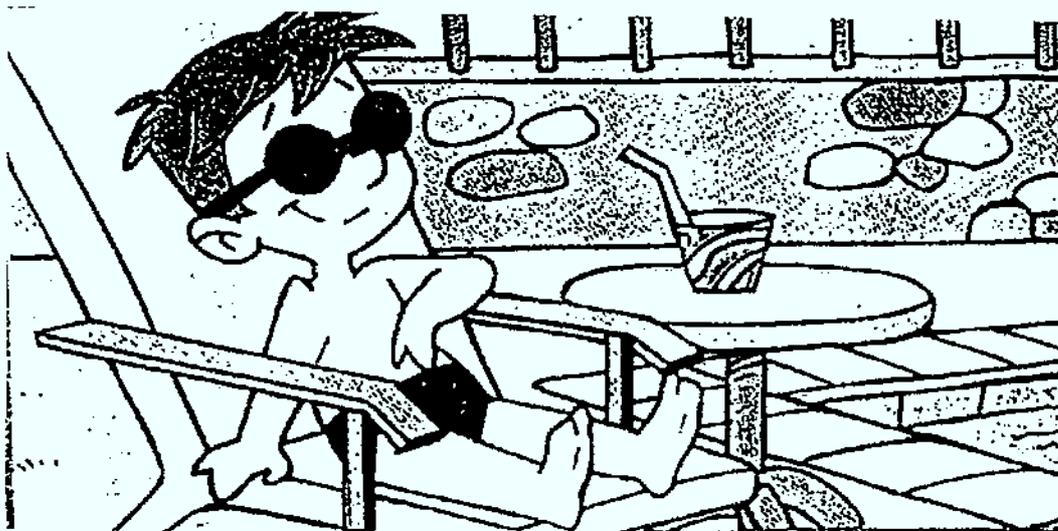


Ilustração 6: Menina representando a estação da primavera (Passeio pelo Mundo 4ª série, pág. 21)



Ilustração 7: Menina representando a estação da primavera (Novo eu gosto de Estudos Sociais, 1ª série, pág.87)



Ilustração 8: Menina representando a estação da primavera (As letrinhas fazem a festa, 3ª série, pág. 146)



Ilustração 9: Menina representando a estação da primavera (Novo eu gosto de Estudo Sociais, pág.85)



5.7.2 – LIVROS POSTERIORES AO PNLD

Pensar e Construir História, 1ª série, pág. 70

Ilustração 1: Sentimentos

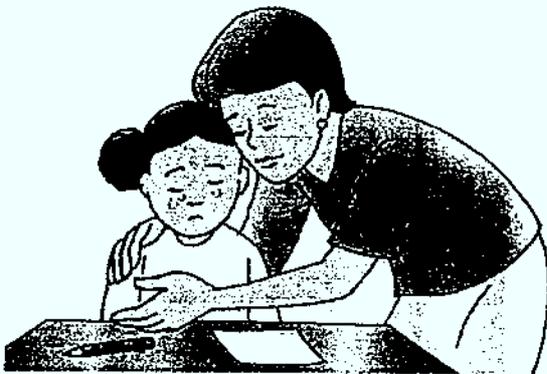


Ilustração 2: Sentimentos



Ilustração 3: Sentimentos



Todos nós vivemos momentos de tristezas e de alegrias. Isso acontece porque somos capazes de sentir dor, raiva, afeto, carinho, saudade, prazer. Mas o mais importante é poder dividir nossos sentimentos com as pessoas que amamos e em quem confiamos.

Ilustração 4 (Pensar e Construir História, 3ª série, pág. 98):

(Observar que a personagem da menina está em uma cadeira de rodas)

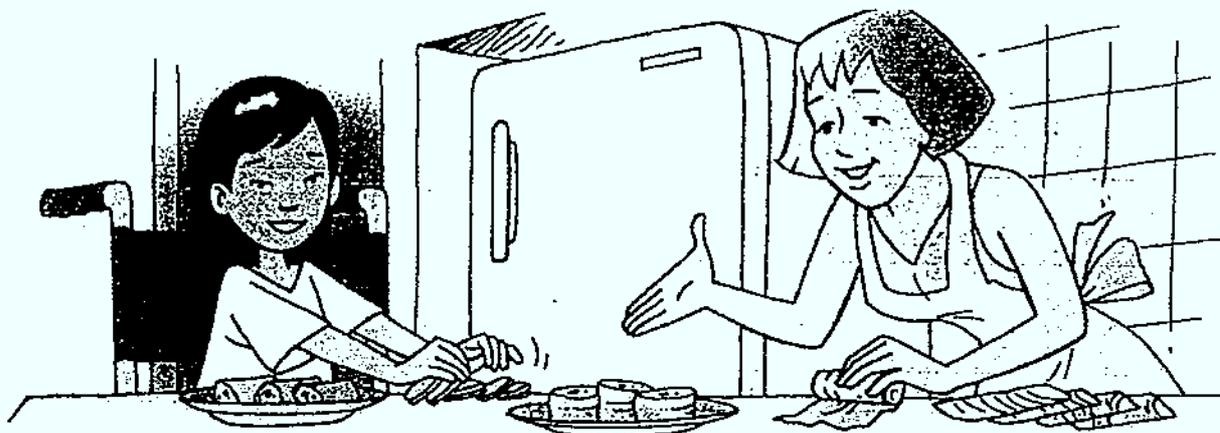


Ilustração 5 - Trecho de um texto didático (Pensar e Construir Geografia 4ª série, pág.48 - 49) (Observar a fala do terceiro parágrafo):

— Não! O Nino não é chato, você é que é chata. E não fala mal do *Castelo*, porque eu sei que você também gosta.

— Olha aqui, Bruno, eu sou maior do que você, então você tem que me obedecer! Eu quero ver o jogo agora! Muda de canal já!

— Não mudo, não! Você é um pouquinho maior do que eu, mas eu sou mais velho e sou homem, então é você que vai me obedecer!

No calor da discussão, dona Catarina, a mãe dos gêmeos Bruno e Bruna, chega:

— Vocês estão brigando de novo! Puxa vida! Estou tão cansada... Venham cá, crianças, o que está acontecendo?

— Sabe o que é, mãe, a Bruna está assistindo ao futebol desde que chegamos da escola e não me deixa ver o *Castelo Rá-Tim-Bum*. Ela é muito mandona, toda hora quer me dar ordens!

Ilustração 6: Atividade proposta para a turma, na sala de aula (pág.50)

FUTEBOL: COISA DE MENINO OU DE MENINA?

Apesar de não saber ler, Tico consegue identificar o símbolo de seu time de futebol.



RESPOSTA ORAL

1. E você, gosta de futebol?



RESPOSTA ESCRITA

2. Torce para algum time? Qual?

3. Você conhece alguns símbolos de times de futebol? De quais?

5.7.3 – ANÁLISE INICIAL

Livros anteriores ao PNLD:

Durante a análise dos livros didáticos anteriores ao PNLD, foi possível identificar algumas características e comportamentos que eram comumente associados a meninas e meninos.

As crianças travessas, são geralmente representadas por figuras masculinas, como mostra a ilustração 1. Às meninas, associa-se a imagem de estudiosa e comportada, como aparece na ilustração 2.

Através da análise dos dados, também foi possível identificar que no estudo das estações do ano, a estação do verão, geralmente ilustrada por pessoas em atividades de lazer, é comumente ilustrada por figuras masculinas, conforme é mostrados nas ilustrações 3, 4 e 5. A estação da primavera, geralmente associada à beleza e delicadeza das flores, é comumente ilustrada por figuras femininas, conforme é apresentado nas ilustrações 6, 7, 8,9.

Também é importante destacar o fato de que em todos os doze volumes de livros analisados, não foi encontrada nenhuma figura feminina que ilustrasse sozinha a estação do verão, visto que na única ilustração da estação do verão onde aparece a ilustração de uma menina, esta está acompanhada de um menino.

Para ilustrar a estação da primavera, todas as imagens encontradas nos doze livros analisados, eram de figuras femininas.

Nesta perspectiva, o sexismo reside na exclusividade do uso de figuras femininas para ilustrar a estação da primavera, como se a utilização de ilustrações com flores e figuras masculinas ao mesmo tempo fosse algo absurdo ou incorreto.

Será que um menino será menos menino se aparecer cercado por flores em alguma ilustração?

Do mesmo modo que o sexismo está presente no fato das estações do verão associadas às atividades de lazer, serem ilustradas por figuras masculinas.

Será que é errado as meninas desfrutarem atividades de lazer? Ou será que elas só podem fazê-lo estando acompanhadas por meninos?

Livros posteriores ao PNLD:

Com relação aos dados apresentados dos livros posteriores ao PNLD, é importante dizer que não se encontrou para fins de comparação com os livros anteriores ao PNLD, o conteúdo de ensino sobre as estações do ano, que após a implantação do PNLD, não é mais tratado em livros de História e Geografia das séries iniciais do ensino fundamental. .

Assim, com relação à análise das características e comportamentos atribuídos aos sexos feminino e masculino nos livros posteriores ao PNLD, convém destacar a questão dos sentimentos. Nos doze volumes de livros anteriores ao PNLD analisados, não foi encontrada nenhuma ilustração de menino chorando, (refiro-me ao choro que revele sentimentos e emoções, e não ao choro devido a alguma dor física, quando uma criança cai e se machuca, por exemplo). Chorar de emoção nos livros anteriores ao PNLD, parece ser uma característica exclusiva de bebês, meninas e mulheres e nos livros posteriores ao PNLD, é possível identificar consideráveis avanços com relação aos sentimentos.

Em um dos livros didáticos analisados, observa-se uma passagem (ilustrações 1, 2 e 3), onde quatro crianças, sendo duas personagens ilustradas e duas reais (foto) aparecem tristes e chorando, sendo que dois são do sexo masculino e apenas uma é do sexo feminino, tornando possível constatar que nos livros didáticos atuais, os meninos também choram, o que contribui para avançar na busca pela derrubada dos padrões de conduta preconceituosamente pré-estabelecidos em virtude do sexo dos indivíduos.

Observando a mesma ilustração, nota-se que as figuras que aparecem demonstrando carinho, cuidando e consolando as crianças, são figuras de mulheres, mais precisamente a de uma professora (de acordo com o texto apresentado no livro) e a de uma outra mulher que provavelmente representa a mãe. Neste sentido, portanto, pode-se perceber mais uma vez como a prática do cuidar, assim como as demonstrações de carinho e afeto ainda estão fortemente vinculadas ao sexo feminino.

Em um outro livro analisado, encontra-se uma cena onde mãe e filha estão na cozinha preparando o almoço para o pai que chegará do trabalho. Observando a ilustração 4, é possível perceber como a realização das tarefas domésticas como cozinhar por exemplo, estão associadas ao sexo feminino, além do fato de mãe e filha estarem cozinhando para o pai que irá chegar do trabalho, como acontece em uma “boa e velha” família nuclear.

Outro detalhe importante que deve ser observado nesta ilustração é a cadeira de rodas da personagem que representa a filha, o que representa também um avanço nos livros didáticos posteriores ao PNL D, com relação ao combate ao preconceito contra os deficientes físicos.

Em uma outra passagem encontrada em um outro livro didático, pode-se observar um exemplo de como as características de ser humano autoritário e machista estão associadas ao sexo masculino.

Na página 48 do livro, é apresentado um pequeno texto, cuja história foge do padrão tradicional, promovendo um avanço em relação à questão do gênero masculino e feminino. Neste texto, os gêmeos Bruno e Bruna assistem T.V. Bruno quer assistir o programa “Castelo Rá Tim Bum” e Bruna quer assistir uma partida de futebol, do seu time favorito.

Se o livro em questão fosse anterior ao PNLD, provavelmente encontraríamos a situação contrária na história. Esse texto é importante, pois há uma passagem onde Bruno diz que a irmã ela deveria obedecê-lo e deixá-lo assistir ao programa que ele quisesse, simplesmente pelo fato dele ser mais velho (nasceu poucos minutos antes da irmã gêmea) e também pelo fato dele ser homem, ilustração 5.

O personagem Bruno, assume deste modo uma postura totalmente machista na história.

Na página seguinte, como atividade do capítulo, é apresentada uma proposta para que as alunas e alunos discutam a atitude machista do personagem Bruno mostrada na história, o que poderá proporcionar uma excelente oportunidade para a discussão do tema discriminação de gênero em sala de aula, estimulando uma reflexão crítica sobre o assunto.

No mesmo capítulo do livro, uma outra atividade complementar proposta é um debate entre a turma sobre futebol ser coisa de menino ou coisa de menina (ilustração 6) que também pode proporcionar valiosos momentos de reflexão sobre gênero.

5.8 – BRINCADEIRA DE MENINA, BRINCADEIRA DE MENINO –
ANÁLISE DAS BRINCADEIRAS REPRESENTADAS POR MENINAS E
MENINOS NOS LIVROS DIDÁTICOS

Nesta seção serão analisadas as ilustrações de brincadeiras encontradas em todos os vinte volumes de livros didáticos analisados, observando as relações de gênero nas representações das mesmas, nos livros anteriores e posteriores ao PNLD.

5.8.1 – LIVROS ANTERIORES AO PNLD

Nos livros anteriores ao PNLD analisados, foram encontradas ilustrações das seguintes brincadeiras:

Futebol (Coleção Desafio, 1ª série, pág. 59)



Surfe (Viva a Vida, 3ª, pág. 35)



Bolinha de gude (As letrinhas fazem a festa, 2ª série, pág. 20)



Todas estas brincadeiras são geralmente associadas aos meninos na sociedade e as ilustrações encontradas nos livros didáticos comprovam esta associação.

Nos doze volumes de livros anteriores ao PNLD analisados, não foram encontradas ilustrações de brincadeiras representadas por figuras femininas, comprovando, como já visto nesta pesquisa, que as atividades de lazer e entretenimento estão muito mais associadas ao gênero masculino, como se brincar e se divertir não fosse “coisa de menina”.

5.8.2 - LIVROS POSTERIORES AO PNLD

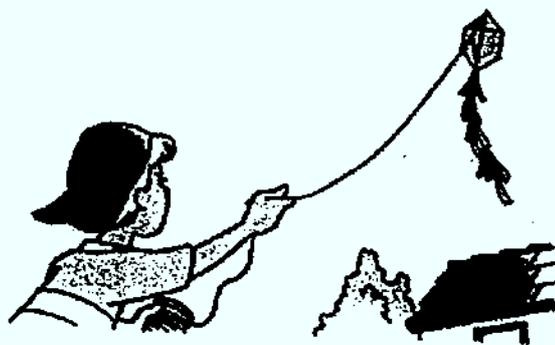
Nos livros posteriores ao PNLD foram encontradas ilustrações das seguintes brincadeiras:

Com relação aos meninos:

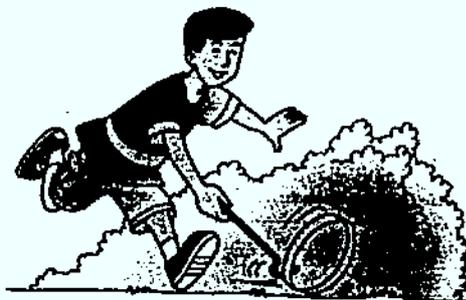
101) Bater figurinha ou “bater bafinho” (Pensar e Construir Geografia, 1ª série, pág.



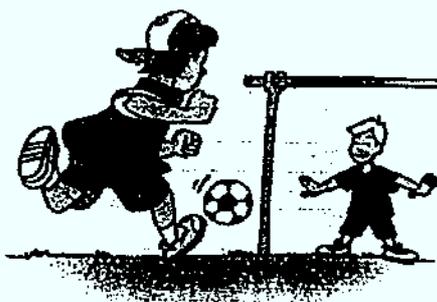
Soltar pipa (Pensar e Construir geografia, 4ª série, pág. 106)



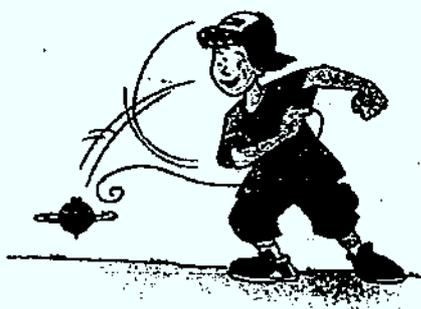
Gira-gira (Pensar e Construir geografia, 4ª série, pág. 106)



Futebol (Pensar e Construir geografia, 4ª série, pág. 106)



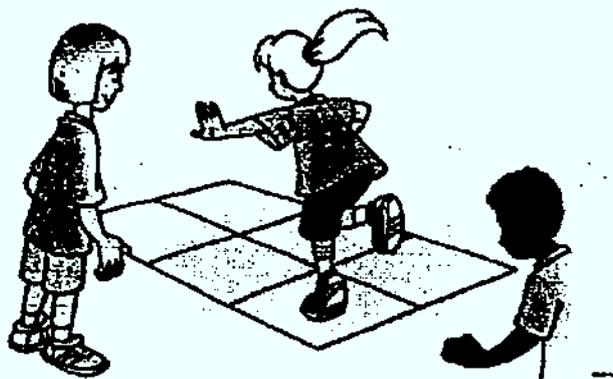
Girar Pião (Pensar e Construir geografia, 4ª série, pág. 106)



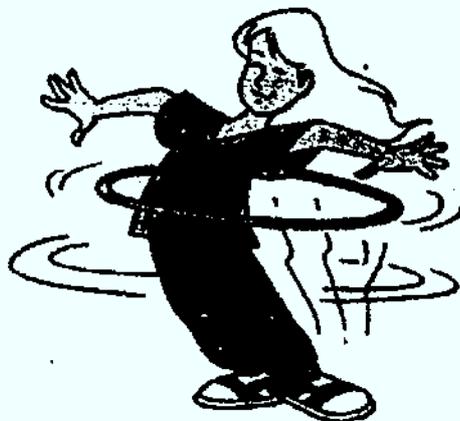
Todas as brincadeiras citadas são tipicamente associadas ao sexo masculino e estão devidamente ilustradas por figuras masculinas, portanto, constata-se que não houve avanços neste sentido.

Com relação às meninas:

Amarelinha (Pensar e Construir geografia, 4ª série, pág. 106)



Bambolê (Pensar e Construir geografia, 4ª série, pág. 106)



As duas brincadeiras citadas são tipicamente associadas ao sexo feminino e estão devidamente ilustradas por figuras femininas, portanto, constata-se que assim como no caso dos meninos, não houve avanços neste sentido.

5.8.3 – ANÁLISE INICIAL

Considerando-se que nos livros anteriores ao PNLD não foram encontradas ilustrações de brincadeiras geralmente relacionadas a meninas, pode-se dizer que houve um pequeno progresso nos livros posteriores ao PNLD, onde foram encontradas duas ilustrações de brincadeiras que normalmente são relacionadas a meninas.

Ilustrações onde aparecem brincadeiras que são geralmente associadas a meninos ilustradas por figuras femininas e vice-versa, estas sim representam considerável progresso com relação ao combate ao sexismo e à discriminação das mulheres nos livros didáticos, o que é muito desejável, na busca por uma educação transformadora, comprometida com os valores da igualdade e justiça. Por isso é importante observar a próxima ilustração apresentada, retirada de um dos livros posteriores ao PNLD (Pensar e Construir História, 4ª série, pág. 40)

- *Você já ouviu falar desses atletas? Sabe o que eles representam para o crescimento desse esporte no Brasil?*

As mulheres também praticam skate, embora o preconceito em relação às atletas desse esporte ainda seja muito grande.

Giuliana Ricomini e Larissa Carollo são duas atletas do skate dentre tantas jovens que executam manobras consideradas difíceis até mesmo pelos atletas do sexo masculino. Giuliana é professora universitária, leciona educação física e faz natação, alongamento e ioga para condicionar seu corpo e compensar os desgastes pela prática do skate. Larissa é estudante, conta com apoio de seus pais para praticar esse esporte e acredita que as skatistas devem enfrentar o preconceito e participar dos campeonatos.



A ilustração apresentada refere-se a um esporte considerado tipicamente masculino, porém apresenta ilustrações de meninas praticando e aborda também a questão do preconceito que as meninas skatistas sofrem, o que também é muito importante e representa um significativo progresso com relação às brincadeiras mostradas nos livros anteriores ao PNL D. Em seguida, os autores do livro propõem que os alunos respondam à seguinte questão: “Você conhece algum outro esporte no qual a participação feminina é vista com preconceito?”

“Dê um exemplo.”

É importante observar que o professor deve valorizar a atividade, fazendo com que os alunos reflitam e discutam sobre como o preconceito pode ser prejudicial, pois uma atividade como esta pode representar uma excelente oportunidade de se discutir, refletir e combater a discriminação de gênero junto aos alunos e alunas.

6 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante a etapa de coleta e seleção dos dados para a pesquisa, quando tive a oportunidade de observar os vinte livros didáticos analisados no total, concentrei maior atenção nas características sexistas encontradas em tais materiais, posto que este é o tema contemplado em meus estudos. Porém, além destas características, não pude deixar de observar também outras características importantes, que da mesma maneira não poderia deixar de abordar, ainda que brevemente, nesta pesquisa. Trata-se dos avanços de conteúdo que de uma maneira geral pude observar nos livros didáticos posteriores ao PNLD. Ou seja, além dos avanços referentes à discriminação de gênero já apresentados, apresentam também significativos avanços em seu conteúdo de ensino, abordando assuntos que pelo que pude observar não eram abordados nos livros anteriores ao PNLD.

Por exemplo a questão das religiões afro brasileiras, como o Candomblé, é tratada nos livros posteriores ao PNLD no sentido de esclarecer as origens de alguns rituais praticados nesta religião, como os despachos por exemplo, de modo que alunas e alunos conhecendo esta religião e a cultura em que está inserida, possam observá-la sem nutrir preconceito ou discriminação contra ela.

Em um livro didático escrito antes da implantação do PNLD seria raro, se não impossível encontrar tais conteúdos e tais abordagens.

Além deste avanço na questão do preconceito religioso, também pude notar significativos avanços com relação ao preconceito racial, pois os livros posteriores ao PNLD analisados, apresentaram, de maneira geral, várias ilustrações onde os as figuras utilizadas representavam negros, índios e orientais, apresentando um pouco da cultura de cada um destes povos, incentivando a sua valorização.

Em um outro livro atual também pude encontrar um capítulo que abordava o tema do trabalho infantil e os direitos das crianças e adolescentes.

Este também é um conteúdo importante que deve ser trabalhado com as crianças no sentido de promover discussões sobre o tema e estimular a reflexão das crianças acerca de seus direitos e deveres.

Portanto, conforme os dados e análises apresentados nesta pesquisa, apesar da discriminação do gênero feminino nos livros didáticos atuais ter apresentado uma considerável diminuição (embora em alguns aspectos ainda tenham que diminuir muito mais, como com relação ao vínculo da mulher à profissão de professora primária, por exemplo) em outros aspectos, pode-se observar que houve um progresso significativo no combate à transmissão de ideologias sexistas.

Como uma maior abertura nas propostas de atividades para a discussão da discriminação do gênero feminino na sociedade, e no dia-a-dia, por exemplo.

Tais avanços não ocorreram de um dia para o outro, mas são o resultado de um longo processo de conscientização e trabalho no combate à discriminação e ao preconceito contra o sexo feminino e contra o preconceito de um modo geral, não somente de gênero como racial, religioso, etc.

Neste sentido, é importante observar a atuação do MEC (Ministério da Educação) na busca pela melhora na qualidade dos livros didáticos.

Desde 1995, o MEC vem desenvolvendo ações neste sentido, que culminaram na implantação do PNLD em 1997, no qual uma das preocupações dos elaboradores e elaboradoras do PNLD consistia na recusa de todas as formas de discriminação nos conteúdos dos livros didáticos.

Tais ações são desejáveis e louváveis, porém não são suficientes.

Conforme já visto em Moreno (1999), romper com a transmissão do pensamento androcêntrico e das práticas sexistas através de conteúdos escolares é um processo complexo, não bastando, portanto, que os conteúdos escolares apenas combatam as idéias sexistas. É preciso que educadores e educadoras também combatam o preconceito que muitas vezes está dentro deles mesmo(as) e que mesmo inconscientemente acabam por transmitir aos seus educandos e educandas.

Assim, adotar um modelo de ensino co-educador é fundamental para promover uma prática de ensino não discriminatória.

Um modelo de ensino co-educador é aquele fundamentado na co-educação.

Montserrat Moreno, Genoveva Sastre, Aurora Leal e Maria Dolors Busquets, são autoras do livro “Falemos de Sentimentos” (1999), no qual explicam o modelo de ensino co-educador que propõe.

Segundo as autoras:

“O modelo de ensino co-educador que estamos propondo é um modelo plural – no sentido de que não oferece uma só visão de mundo, nem estabelece uma única forma de comportamento valorável – universal, por não excluir ninguém do direito à educação, nem considerar excluído do ensino, nenhum campo de conhecimento útil.” (p.35)

O rompimento com a linguagem discriminatória, seja ela escrita ou visual, através de imagens presentes nos livros didáticos e vinculadas através dos meios de comunicação, poderá permitir uma avanço na influência do modo de percepção da realidade pelas pessoas, rompendo-se padrões de comportamento e de conduta, o que pode levar a uma sociedade com mais justiça e igualdade.

Deste modo, é muito importante que educadoras e educadores promovam a co-educação, visando combater toda e qualquer linguagem discriminatória.

Atualmente, há de se destacar também a preocupação e os esforços de algumas organizações (algumas feministas, outras não) em defender o uso de uma linguagem escrita não discriminatória.

A UNESCO definiu a partir de muitas publicações, algumas diretrizes para a “redação sem discriminação” (1995). No dia 8 de março de 1996, firmou-se uma declaração de intenções entre o Conselho Nacional dos Direitos da Mulher e o Ministério da Educação no Brasil (MEC), onde o ministério se comprometeu a rever e a combater o sexismo na linguagem presente nos materiais didáticos.

Utilizar uma linguagem inclusiva no que se refere à questão de gênero, exige atenção permanente, mas pode ser perfeitamente praticável.

E esta prática só poderá trazer resultados positivos como uma educação igualitária e mais justa para todos.

A UNESCO publicou em 1996 uma tabela, onde são apresentados alguns exemplos de palavras que podem ser utilizadas em substituição às palavras de caráter discriminatório. Nesta tabela encontram-se termos propostos para substituir termos usuais de caráter sexista, não apenas termos masculinos como termos femininos, como a palavra

“aeromoça”, que neste caso por exemplo, acaba promovendo uma discriminação lingüística do sexo masculino. É importante destacar este fato, pois embora esta pesquisa enfatize a ocorrência da discriminação contra o sexo feminino, não se pode esquecer que a prática da co-educação consiste justamente na prática da igualdade na educação, ou seja não deve haver discriminação nem contra o gênero feminino, nem contra o gênero masculino. Abaixo, a tabela publicada pela UNESCO.

TABELA DE RECOMENDAÇÕES PARA UTILIZAÇÃO DE UMA LINGUAGEM INCLUSIVA	
USUAL	ALTERNATIVA
Os direitos do homem	Os direitos humanos
O corpo do homem; a inteligência do homem	O corpo humano; a inteligência humana
Museu do homem	Museu da humanidade
O homem primitivo	Os seres humanos primitivos
Homem/mês; homem/hora	Trabalho/mês; trabalho/hora
Camera-man	Operador ou operadora de câmera
Aeromoça	Atendente de voo
Língua materna	Língua de origem ou originária
Reunião de pais na escola	Reunião de pais e mães na escola
Os professores; os jovens; os meninos	O professorado; a juventude; as crianças
Os negros	A raça negra
Denegrar imagem de alguém	Difamar alguém
A situação está preta	A situação está ruim
José e senhorita Maria	José e Maria
Os brasileiros; os descendentes; os eleitores	O povo brasileiro; a descendência; o eleitorado
Os assessores; os coordenadores; os diretores	A assessoria; a coordenação; a direção
Afeminado	Delicado, suave, meigo
Aquele que fala	Quem fala
Precisa-se de estagiário	Estágio disponível
Cada aluno deverá ler um texto	Deverá ser lido um texto
Nas ilustrações didáticas e nos livros escolares, a mulher aparece, em geral, exercendo atividades no lar; o homem, no escritório, na oficina, etc.	Dar visibilidade às mulheres que trabalham fora de casa. Destacar a importância do trabalho no lar - tanto para as mulheres, como para os homens. Apresentar mulher e homem em todos os tipos de trabalho e funções profissionais. Observar que as mulheres desempenham papéis sociais e políticos em todos os níveis, com igual competência, autoridade e espírito de iniciativa que seus colegas homens.

BIBLIOGRAFIA

MORENO, Montserrat (1999). *Como se Ensina a ser menina*. São Paulo, Moderna.

CARVALHO, Marina P. (1999). *No coração da sala de aula: gênero e trabalho docente nas séries iniciais*. São Paulo, Xamã.

MORENO, Montserrat, SASTRE, Genoveva, LEAL, Aurora e BUSQUETS, Maria Dolors (1999). *Falemos de Sentimentos: a afetividade como um tema transversal*. São Paulo, Moderna.

BUSQUETS, Maria Dolors, CAINZOS, Manuel, FERNÁNDEZ, Tereza, LEAL, Aurora e SASTRE, Genoveva (1997). *Temas Transversais em Educação: Bases para uma formação integral*. São Paulo, Ática.

_____ (1996) UNESCO Linguagem Não Sexista. São Paulo, Texto Novo.

MEC – *Avaliação do Livro Didático*, In: www.mec.gov.br

IBGE, www.ibge.gov.br

ÍNDICE DOS LIVROS DIDÁTICOS UTILIZADOS

LIVROS ANTERIORES AO PNLD

CAMPELO, Maria C., *Coleção Desafio Estudos Sociais*, Ed. Ática, São Paulo, 1ª série, 1994

CAMPELO, Maria C., *Coleção Desafio Estudos Sociais*, Ed. Ática, São Paulo, 2ª série, 1994

CAMPELO, Maria C., *Coleção Desafio Estudos Sociais*, Ed. Ática, São Paulo, 3ª série, 1994

CAMPELO, Maria C., *Coleção Desafio Estudos Sociais*, Ed. Ática, São Paulo, 4ª série, 1994

MEDEIROS, Celme, F., *As letrinhas fazem a festa*, Ed. Do Brasil, São Paulo, 2ª série, 1991

MEDEIROS, Celme, F., *As letrinhas fazem a festa*, Ed. Do Brasil, São Paulo, 3ª série, 1990

AZEVEDO, Marta, R., *Viva Vida Estudos Sociais*, Ed. FTD, São Paulo, 3ª série, 1994

AZEVEDO, Marta, R., *Viva Vida Estudos Sociais*, Ed. FTD, São Paulo, 2ª série, 1994

DARÓS, Vital, *Paisagem Brasileira Terra e Gente*, Ed. FTD, São Paulo, 4ª série, 1997

SARONI, Fernando e CARVALHO Maurício, *Caminhando*, Ed FTD, São Paulo, 3ª série, 1982

PASSOS, Célia e SILVA, Zeneide, *Novo Eu Gosto de Estudos Sociais*, Ed. Atual, São Paulo, 1ª série, 1990

PARISI, Mário, Coleção Passeio pelo Mundo Estudos Sociais, Ed. Saraiva, São Paulo, 4ª série, 1977

LIVROS POSTERIORES AO PNLD:

OLIVEIRA, Maria da Conceição Carneiro, *Pensar e Construir História*, Ed. Scipione, São Paulo, 1ª série, 2001

OLIVEIRA, Maria da Conceição Carneiro, *Pensar e Construir História*, Ed. Scipione, São Paulo, 2ª série, 2001

OLIVEIRA, Maria da Conceição Carneiro, *Pensar e Construir História*, Ed. Scipione, São Paulo, 3ª série, 2001

OLIVEIRA, Maria da Conceição Carneiro, *Pensar e Construir História*, Ed. Scipione, São Paulo, 4ª série, 2001

JUNQUEIRA, Silas Martins, *Pensar e Construir Geografia*, Ed. Scipione, São Paulo, 1ª série, 2001

JUNQUEIRA, Silas Martins, *Pensar e Construir Geografia*, Ed. Scipione, São Paulo, 2ª série, 2001

JUNQUEIRA, Silas Martins, *Pensar e Construir Geografia*, Ed. Scipione, São Paulo, 3ª série, 2001

JUNQUEIRA, Silas Martins, *Pensar e Construir Geografia*, Ed. Scipione, São Paulo, 4ª série, 2001